

## O CEGUINHO

Senhor! tende piedade! Olhai meu grande mal!  
Faminto, esfarrapado, um mísero ceguinho,  
Um ser desamparado, um infeliz mortal  
Que, chorando, mendiga um simples tostãozinho!

Meu lar é de miséria e fome, é de desgraça.  
Num quarto, quase nu, tem frio o meu filhinho;  
Minha mulher é má, viciada na cachaça...  
Senhor! Olhai por mim! Imploro-vos carinho!

Passava neste instante grácil mocinha.  
De súbito, caíra a diaba da pequena,  
Deixando bem à vista as rendas da calcinha.

Foi rude aquele tombo em cima da calçada,  
E o mísero ceguinho, admirando a cena,  
Falou-me sem querer: "É boa essa danada!..."

*Hildebrando de Arruda Cotrim*  
*In memoriam*

**SCOR**  
Editora  
**TECCI**

ISBN 85-7372-145-6



9 788573 721454

FRAGMENTOS LITERÁRIOS VII - ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS

# FRAGMENTOS LITERÁRIOS VII

Academia Guarulhense de Letras



Não há malabarismos na nossa escrita — prosa ou verso. Não estamos inventando a pólvora do saber e/ou de transmitir esse saber. O ideário dominante na Academia que, praticamente, não constitui um sistema, é lançado a partir de distintas imagens, de concepções às vezes conflitantes. O conjunto, que nem sempre é harmônico, inaugura-se pela emissão de juízos, de visões antagônicas, pela manifestação das idéias elaboradas em lucubrações pacientes. Cada qual é dono do seu nariz e não se percebe, em nenhum momento, alguém tentando ensinar truques novos a cachorros velhos. A disparidade suaviza-se e é anulada.

Como num passar de régua nas cristas das ondas oceânicas,

## FRAGMENTOS LITERÁRIOS VII

Academia Guarulhense de Letras

FRAGMENTOS  
LITERÁRIOS VII

SCOR  
Editora  
TECCI

1998



© Academia Guarulhense de Letras



JS-2567-05001680198

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fragmentos literários VII. -- São Paulo : Scorteccei,  
1998.

Vários autores.  
Pg. de rosto: Academia Guarulhense de Letras.  
ISBN 85-7372-145-6

1. Contos brasileiros 2. Crônicas brasileiras
3. Poesia brasileira

98-5443

CDD-869.935  
-869.915

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Século 20 : Literatura brasileira  
869.935
2. Crônicas : Século 20 : Literatura brasileira  
869.935
3. Poesia : Século 20 : Literatura brasileira  
869.915

**SCOR**  
Editora  
**TECCI**

Caixa Postal 11481 - São Paulo - SP - CEP 05422-970  
Tels.: (011) 210 1179/210 6501 - Fax: (011) 815 6996  
[Http://www.scorteccei.com.br](http://www.scorteccei.com.br) - E-mail: [scort@scorteccei.com.br](mailto:scort@scorteccei.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A leitura antecipada dos trabalhos que se destinam à edição de *Fragmentos Literários VII*, da Academia Guarulhense de Letras, além de ensejar-me a aquisição de brilhantes informações da difícil seara literária, permite-me sondar a alma dos poetas e contistas que se alinham nesse afã de elevar as letras e trabalhar com carinho a mente de nossa juventude.

Essa possibilidade exsurge pelo talvez imerecido presente que se traduz na escolha do apresentador.

A maior dificuldade enfrentada foi a de deambular pelos trabalhos, escolhendo o ponto de partida. Valho-me do critério de menor valor científico, mas de grata satisfação: o do sorteio. Envolve-me no cuidado de não mencionar o nome do autor, para que a apresentação, no mínimo, não se dilacere.

Surpreendo-me frente a um computador, examinando um disquete, em uma prisão, em dia de festa tão cara para nós. Trava-se na homenagem ao educador.

Passo a cantar o conto da liberdade, atropelando-me com duas grossas lágrimas levando parte de si.

Quedo-me estático perante as travessuras do demônio, assistindo, perplexo, ao espetáculo do chafariz de caldo.

Estranhos augúrios para quem chega ao mundo até aportar na sabedoria pura.

A mescla da feiúra, da fantasia, do riso e sorriso, o choro e a maldade, tudo em fantasmagórica avaliação.

As peripécias do futebol, que tanto agrada o nosso povo, atingindo as raias da incredulidade.

O chilrear sublime da cor, da areia, do sono, do amor, da verdade, da emoção, da leveza e do choro, em harmonioso convite.

A pesquisa séria da história, os traços do perfil de caráter e idealista, comparado ao vô firme do condor.

O encontro com a felicidade, a reminiscência sutil do prato fundo, da sopa, do fogão de lenha.

A pena firme que descreve o mais ou menos; o verso que nasce; quem perde e ganha no jogo.

O desejo de aprender e de ensinar; de explorar conceitos sólidos; como se apresentam os privilégios ao homem.

Tudo é tão lindo que se torna indescritível, exigindo que se penetre mais profundamente nas mensagens que cada acadêmico deixa nesta obra, para poder-se entender do que vive, o que cura, o que fortalece e o que torna mais nobre a alma humana.

Sou muito feliz por ter a glória de participar dessa plêiade, trabalhadores sinceros que enriquecem a cultura de nossa gente.

*Laerte Romualdo de Souza*

## SUMÁRIO

A. Ibrahim Khouri .....	9
Bismael B. Moraes .....	23
Castelo Hanssen .....	33
Clarimundo de Oliveira Aguiar .....	41
Espedito Pinheiro de Souza .....	53
Flávio C. G. Trombetti .....	73
Gasparino José Romão .....	95
Isabel Borazanian .....	105
João Ranali .....	111
José Alves do Carmo .....	125
Laerte Romualdo de Souza .....	139
Milton Luiz Ziller .....	155

DESENCANTO

Perdi a constância relativa  
que fazia o mundo ter tamanho,  
onde a fluência harmoniosa, viva,  
diferenciava-me deste ser estranho.

Sem ela, que direção sigo agora?  
Em nada mais vejo sentido,  
a nenhum movimento me obrigo,  
sem referência de lugar, tempo, hora.

Sou o fundo sem contexto,  
confundo-me com as figuras,  
sigo quem nada procura  
como frutas sobre o cesto.

Onde só pratico o jogo fácil,  
não acho seno, nem cosseno,  
e quando perguntam o resultado,  
só respondo: Mais ou menos...

## FILOSOFANDO

*Inspirado nas aulas do Professor de Filosofia  
da Faculdade Integrada de Guarulhos  
Dr. Laerte Romualdo de Souza*

Certeza é um erro que cometo,  
levando a existência dividida,  
pensando ser verdade a ilusão.

Tão próximo daquilo que me intui  
neste jogo imposto pela vida,  
que sequer vai além da probabilidade,  
uma mistura de mentira e de verdade  
que ora aumenta e ora diminui.

Certeza é que nada é absoluto,  
nem o que se vê, ouve ou sente,  
o passado não pode ter futuro,  
nem o futuro ser a cópia do presente.

Portanto o que pensei que era verdade  
não passou de uma mentira boa,  
corrigida pelo meu outro sentido,  
a luz da razão que às vezes voa.

## NASCE O POEMA

Ah, está cá dentro se mexendo.  
É o pensamento engravidado na rua.  
Trago-o nas memórias guardado  
como fêmea que toma cuidado  
ao proteger a cria sua.

O meio da rua é nosso quarto.  
No desencanto, canto o medo,  
num canto vou o parindo,  
meu verso não é mais segredo,  
na lama — um broto lindo.

Não tema! É tempo de trevas,  
de feudos — baionetas caladas.  
Há tiros na calada da noite,  
gritos, gemidos, açoites,  
ecoando nas madrugadas.

Venha! Venha bem lento,  
dor e prazer é tão natural,  
sinta a brisa, o chão e o vento,  
o choro, a miséria, o lamento.  
Ah, meu verso! Você nasceu afinal.

Pela minha boca, ouço seu choro.  
Basta um reparo aqui, outro acolá,  
e rompe-se o cordão — mais que ouro,  
cujo valor ninguém dá.

Não repare na roupa rota,  
improvisada na mesa do bar  
— um simples pedaço de papel rasgado.  
Nele há o calor do meu corpo,  
— primeira morada, seu porto,  
onde fica seu corpo riscado.

Olhe quanta miséria na rua!  
A busca de comida nos becos,  
como você que agora procura  
o calor, amor e ternura  
do leite no meu peito seco.

Siga, verso, seu caminho!  
Mostre seu canto ardente,  
seja a companhia de quem vive sozinho,  
conheça este país, cidade, gente.  
Grite seu canto em toda a parte!  
Faça brando um peito duro!  
Seja a claridade no escuro,  
viva na boca de quem tem arte.

## VÍCIO REDIBITÓRIO

Já comprei gato por lebre  
e pele de camaleão;  
se há vara de aveleira  
por certo há Jacó e Labão.

Por sete eu levei Léia,  
pensando ser a Raquel,  
valeram os anos desta  
pelos seus lábios de mel.

Valeu, vim de Rebeca.  
Vivo também servidão,  
sete é cifra de mentira,  
sete é acordo de Labão.

## A FANTASIA VESTE A REALIDADE\*

*"Se alguém abre o livro do passado no presente, deve entender que se o passado fosse realmente passado, não seria mais problema e, certamente não seria atual."*

**Frederick S. Perls**  
(pai da Gestalt — Terapia)

### I

Meu sonho parecia sem sentido,  
surgia, de repente, assim do nada,  
como se não fosse um ato de vontade.  
Mas, aos poucos, descobri uma verdade:  
ele é resíduo das horas já passadas,  
um encontro, só em sonho permitido.

Resultado de um desejo disfarçado,  
que me realiza de modo incompleto,  
quando o corpo se afasta da vigília.  
Só assim, vivo, revivo algo passado,  
a energia em sonho manifesto  
— dormindo, me habilito à partilha.

Uma praia... a mata — o belo horto,  
lá a parceira do amor — doce pessoa,  
como eu, reprimida, cheia de ansiedade.  
Tornamos a imaginação realidade,  
rolamos sobre a areia e sobre a relva boa,  
onde navego nas ondas do seu corpo.

\* O título deste trabalho foi baseado no título do livro *A Ficção Veste a História* do historiador guarulhense João Ranali.

### II

Assim renasce o meu pecado,  
no intervalo do coração — a música intensa.  
A doce criação se torna imensa  
quando tenho este fruto ao meu lado.

Tentei esquecê-la, mas não se esquece,  
pois com o tempo a ousadia amadurece  
e como todos os pecados deste mundo,  
lá no fundo, já foi sonho... já foi prece.

### III

Borbulhou...  
Entrou em erupção o  
pensamento e sobre os olhos  
não conseguiu ficar preso.

Por fim o sentimento  
derramou-se através de palavras,  
descobrimo o tesouro há tanto  
tempo guardado.

De repente...  
Não sei como, espontaneamente,  
desperto o sonho de ontem,  
só meu, que me acompanha  
lá de longe...

Um passado à espera de  
futuro, que misteriosamente  
acontece hoje.

### IV

Por isso,  
não me canso de olhar aquele beijo,  
cujo gosto senti minha mente louca,  
na gasta marca — essência do desejo —  
quando colo seus vestígios em minha boca.

Perco-me namorando a impressão  
dos seus lábios — viva nos meus versos,  
ora borboleta, ora pétalas... botão  
colorindo o meu pálido universo.

Ah, mago beijo, no papel que não me beija,  
próximo — tão distante me acompanha,  
causando a doce sensação estranha  
que a musa desses lábios me deseja.

## V

E

não dá pra mudar o doce fado  
que ainda me prende ao dilema,  
um bem lá do passado,  
cujo tempo não tira de cena.

O que sinto não é de outrora —  
neste instante vive na mente,  
como fundo tenho o agora.  
Você — a necessidade emergente

que perdi entre o afastamento e o contato.  
Pena, não priorizei aquele instante,  
aceitei a versão, e não o fato,  
não percebi a razão dominante.

Hoje, onde o coração só alcança  
o mesmo corredor e, de passagem,  
o encanto da sua imagem  
que se enroscou na lembrança.

## VI

Agora,  
nossos olhares trocados como amigos  
guardam juras de amor, às escondidas,  
vão por um caminho sem perigo,  
tornando eterna e segura a curta vida.

E nem o tremor do corpo quando a enlaço  
periga a sombra, que vai nos encobrindo,  
da má boca a falar de um amor tão lindo  
em busca de ternura e de espaço.

Assim vivo este amor em conta-gotas.  
Tudo, diante dele, se tornou pequeno,  
que não preciso de Deus nem do Diabo,  
pois você é meu remédio e meu veneno.

## VII

É, mas  
as figuras se encontram na saudade,  
tentam a qualquer custo ser aurora,  
presentes no coração — longe de agora.  
Já foi sonho, fantasia... é verdade.

Como o fim do dia... declínio da tarde...  
Quando só, minha carne clama,  
imagino-a deitada em minha cama  
e pensando possuí-la o corpo arde.

É assim o meu amor antigo,  
um sonho que virou realidade.  
Tentei esquecê-la, não consigo,  
ficou presa no horizonte da saudade.

## VIII

Enquanto  
a brisa pela fresta entra ardente,  
é tão intenso o sinal de sua presença,  
espalha-se pelo quarto vagamente,  
tornando sua falta tão imensa.

Ah, doce saudade! Por que me acompanha?  
Pousa como a fraca luz da agonizante vela  
enquanto só, assisto passivo, da janela,  
ao jogo onde um perde e outro ganha.

## UMA PRISÃO NO DIA DAS MÃES

Nascido em um casebre, na área mais baixa de Vila Mangalot, sequer conheceu a mãe, que morrera de parto (por motivo de fraqueza ou carência alimentar). Raquítico, foi criado pela tia, também fraca e doente, porém cheia de amor. E quantas foram as vezes em que a tia, desempregada e sem escola, teve de sair, de porta em porta, a pedir ajuda, auxílio, esmola, para que não lhe faltasse o leite! O pai, por motivos que não lhe contaram, jamais conhecera. A tia, pobre e dedicada, era a mãe que lhe faltara.

O tempo foi passando. Pede aqui, come acolá. Vai crescendo ao deus-dará. E já morando na ponta de uma favela do Parque Novo Mundo, no trecho compreendido entre a Dutra e o rio Tietê, chega à idade da escola. Roupinha surrada e um par de tênis usado, ganhos de uma bondosa senhora de Vila Maria, era seu uniforme para os primeiros dias no grupo escolar. E como era difícil entender e guardar o que a professora falava e escrevia! Gostoso mesmo era a hora da merenda!

Entre altos e baixos e com a tia-mãe trabalhando de empregada doméstica para o sustento de ambos, chega aos treze anos, ainda na quarta série da escola primária. Atento aos conselhos, evita amizade com os garotos violentos da favela, preferindo os mais pacatos.

No local, de vez em quando, aparecem uns grupos de pessoas desconhecidas, algumas delas armadas e outras carregando embrulhos. E, de tempos em tempos, também chegam policiais, de arma na mão, chutando

porta de barraco e perguntando por um monte de caras, todos por apelidos — Zelão, Bagre, Tico, Pantera, Alemão, Fumaça, Azeitona, Pintado, Tiziu e outros. Um dia, numa batida policial na favela, ouvira um daqueles homens da lei chamar a atenção do outro, para que respeitasse os velhos, as mulheres e as crianças. Diminuiu o medo, porque ainda se considerava criança e era raquítico.

A tia adoece. Ele não vai à escola. Aparece um homem dizendo-se policial e lhe oferece vinte cruzeiros para que entregue um pacote a alguém que, mais tarde, o procurará. Em seguida, aparecem os policiais de verdade: tia autuada em flagrante por tráfico de drogas e ele, aos treze anos, sem poder identificar quem lhe entregara o pacote, faz sua primeira incursão no Recolhimento Provisório de Menores, à disposição do Juizado.

Um policial se penaliza com aquela mulher doente e presa, conseguindo-lhe o encontro com uma advogada amiga. Esta, usando de seus conhecimentos e descobrindo falhas no auto de flagrante, relaxa-o em Juízo e consegue a liberdade da pobre mulher, auxiliando-a, ainda, a retirar o menor do lugar para onde fora encaminhado.

A vida parece voltar ao normal. A tia-mãe retorna ao serviço como diarista, lavando roupa e limpando casas, enquanto o menor vai à escola. E continuam no mesmo barraco. Procuram esquecer o que lhes aconteceu. Evitam contato com pessoas desconhecidas que por ali aparecem, e se a polícia lhes pergunta por nomes e fatos, nada viram, nada sabem. Ali, o silêncio é a maior proteção.

Não bastassem a origem e a pobreza, juntos ao ambiente, agora tinham em seu passivo, tia e sobrinho, respectivamente, uma prisão em flagrante por drogas e

um recolhimento ao Juizado, marcas perenes em suas vidas pregressas para suas vidas futuras e motivos de fácil argumentação para as estatísticas e para a desconfiança geral. Mas, embora caminhando como sobre cacos de vidro, um olho lá e outro cá, a tia-mãe e o sobrinho-filho vão suportando a vida.

Tempos depois, três moradores da favela — dois menores e um maior — roubam um carro, matam o motorista, escondem o revólver e logo a seguir são presos. Resolvem apontar como responsável pela morte justamente aquele menor que mora com a tia, e a polícia encontra o revólver no barraco em que ambos residem. Quem acreditaria numa mulher que mora numa favela e já foi presa em flagrante com drogas? Como o menor pode provar sua inocência, se a arma usada para o crime estava onde ele mora?

Com passagem anterior por aquele local e, agora, por infração penal mais grave, denotando alta periculosidade, são mais de quatro anos no Recolhimento de Menores. Pelo comportamento interno, não reagindo nem se queixando, e graças à luta da velha tia-mãe, antes de completar dezoito anos, é posto em liberdade. E logo arranja emprego, ainda no Parque Novo Mundo, para armazenar pacotes numa empresa de transportes.

Quando está para completar um mês no trabalho, descobrem que esteve “preso na FEBEM e é perigoso”. É dispensado imediatamente. Pagam-lhe os dias trabalhados. E com um registro de “experiência” em sua carteira, sem uma profissão definida, corre de um lado a outro, e nada de emprego.

É final do mês de abril, e a propaganda dirigida por todos os meios de comunicação só fala no Dia das Mães: lojas sugerem presentes, ofertas e condições de pagamento. E, para quem não conhecera a mãe, como

era o caso do nosso personagem, todo o afeto filial se direcionou para a sofrida e bondosa tia, a tia-mãe que o criara e que o amava como a um filho. Por isso, ele até a chamava de “mãe”.

Sem emprego e sem dinheiro (pois o pouco que recebera da empresa transportadora já se acabara, na compra de uma camisa e no pagamento da passagem de ônibus), e tendo completado dezoito anos no dia 1º de maio, queria, por gratidão e amor, fazer uma surpresa à tia, no Dia das Mães. Mas como adquirir um presentinho — uma blusa, um par de sandálias, um lenço colorido?

Chega o segundo domingo do mês de maio: é o Dia das Mães! As lojas permanecem abertas na manhã domingueira. As casas de flores expõem os mais lindos arranjos. Em algumas avenidas, barraqueiros e caminhões com vasos floridos. De vez em quando, carros e pessoas passando, levando flores e mais flores. E parece que o mundo sorria. “Se tanta gente, no dia de hoje, presenteia com flores”, ele refletiu, “é porque as mães gostam de flores!” (Mas custa cinquenta cruzeiros o ramallete mais simples...)

Acercou-se de um caminhão de flores, na Avenida Cerejeiras, e, chamando o vendedor ao lado, disse-lhe que estava sem dinheiro, mas queria presentear a “mãe” com um daqueles buquês. “Negativo, moço. Só com grana”, sentenciou o vendedor. Nesse instante, em desespero, pegou um vaso de flores e saiu correndo, em direção ao Parque Novo Mundo, deixando para trás os gritos: “Pega o ladrão! Pega o ladrão! Pega o ladrão!”. Gritos que, aos poucos, foram ficando mais distantes, distantes...

Passando sob a ponte da Via Dutra, ainda na carreira, chega ao barraco, cansado e suado, por volta de

meio-dia, encontrando a tia-mãe fazendo uma comidinha. Respira fundo e pede: “Mãe, feche os olhos... Pode abrir...”. Entrega-lhe o vaso de flores com um sorriso e um “feliz Dias das Mães”. E a tia, com uma lágrima querendo se desprender, balbucia: “Obrigada, filho. Nem precisava este presente de rico! Deus te abençoe!”

Sobre a pequena mesa de fórmica, o almoço de feijão, arroz e ovo, além dos dois pratos, dois garfos, uma panela e um vaso de flores... E muita felicidade nos corações.

Terminado o almoço, sai do barraco e vê crianças brincando, sem camisa, num jogo de “pelada”. Aos dezoitos anos, pela primeira vez, nesse Dia das Mães, sente-se como se houvesse realizado um grande sonho. Aí, ouve-se um grito: “É ele!”.

Lá estava o vendedor de flores, na entrada da favela, no interior de uma viatura policial, com um sargento e dois soldados da PM, apontando para o rapaz. E, recebendo voz de prisão, por furto ou “subtração de coisa alheia móvel”, foi o nosso personagem levado ao 19º Distrito Policial, em Vila Maria, onde a autoridade policial o autuou em flagrante, tendo como vítima o dono das flores e como testemunhas os policiais militares e, também, por inexplicável ironia do destino, a própria tia-mãe, que recebera as flores como presente do Dia das Mães.

Por volta das dezoito horas, depois de apreendidas, avaliadas e devolvidas em autos próprios, as flores, agora quase murchas e sem vida, como que ressentidas pela tristeza, foram levadas pelo vendedor-vítima, com seu caminhão fumarento.

Nesse instante, o rapaz, algemado, porque era “altamente perigoso e com duas passagens pela FEBEM”, distanciando-se da “mãe” em lágrimas, pelo corredor da

delegacia, entrava para a carceragem, preso, à disposição da Justiça Pública. Já completara a maioridade penal — 18 anos — fazia oito dias e, agora, estava pronto para responder, perante o Estado democrático, pelo crime praticado contra a sociedade, aumentando, assim, a estatística criminal e a superpopulação carcerária, no Dia das Mães.

## ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O PROFESSOR\*

Incumbido de falar em nome dos professores, tomo a liberdade de trazer, nesta noite, algumas idéias que entendo oportunas. Dirijo-me, nesta breve homenagem, a todos os mestres que aqui se encontram, assim como aos que se acham em ação nas salas de aula, nos seminários, nos congressos e nas pesquisas.

Como poderia um professor falar de professores, sem “puxar brasa para sua sardinha” e não ser de algum modo parcial ou, em linguagem mais afeita a uma escola de Direito, não “legislar em causa própria”? Pois bem. Neste momento — e por me entender sempre aluno —, gostaria de ser auxiliado pela sapiência de ilustres mestres. E é o que tentarei conseguir, indiretamente, por intermédio de algumas lições recebidas de livros.

Uma série de lições de um curso que a mundialmente conhecida educadora Doutora *Maria Montessori* deu em Barcelona, Espanha, transformou-se no grande livro *A Criança*, traduzido para várias línguas (*L'Enfant, El Niño, The Secret of Childhood*). Da edição portuguesa (tradução de Branca Rubina, da Portugália Editora, Lisboa), às páginas 53 e 54, extraímos esta breve observação para pensar: “Poderia dizer-se que a diferença psíquica entre o animal e o homem é a seguinte: o animal equipara-se ao objeto fabricado em série — cada indivíduo reproduz prontamente os caracteres uniformemente fixados para toda a espécie. Pelo contrário, o homem é semelhante ao objeto trabalhado à mão — cada qual difere dos outros, cada qual tem seu espírito criador que faz dele uma obra de arte da Natureza”.

\* Proferidas no Anfiteatro Guimarães Rosa da Faculdade de Direito de Guarulhos, em 8 de novembro de 1995, às 20 horas.

Assim somos nós, os seres humanos. E é com esse material que o professor trabalha.

Lembro-me do Professor *Cesar Lattes*, o mais importante físico brasileiro desta segunda metade do século 20, autor do livro *A História da Física no Brasil*, ao se aposentar pela UNICAMP, quando entrevistado por um jornalista de *O Estado de S. Paulo* (edição de 2 de novembro de 1993). Disse ele: “Estamos no começo da ciência. Não temos a menor idéia do que seja cérebro e mente. Não são a mesma coisa. Temos cérebro, mente, espírito, alma. Aqueles que falam em ‘cérebro artificial’ estão dizendo asneira. Não conseguem notar a diferença entre uma maquininha de calcular e um organismo que está interligado com todo o corpo humano e tem capacidade de criar. Certamente, o computador não tem essa capacidade; nem capacidade descritiva ele tem, pois não é capaz de descrever o que seja *beleza*”.

Aliás, como expõe o pensador *Jiddu Krishnamurti*, no seu livro *A Cultura e o Problema Humano* (Cultrix Editora, São Paulo, 197, p. 19), “a mente inteligente não é aquela que se satisfaz com conclusões; não é, tampouco, a que crê, porque crença é, também, outra forma de conclusão. A mente inteligente é aquela que investiga, observa, aprende e estuda. Só há inteligência quando não há medo... Inteligência não é sapiência. Se alguém puder ler todos os livros do mundo, isso não lhe dará inteligência. A inteligência é coisa muito sutil; não tem ancoradouro. Surge quando se compreende o processo total da mente”.

Em outras palavras: inteligência é busca constante.

Pois bem. Consciente de que tem por missão abrir as comportas do conhecimento, e fazendo dessa tarefa sua profissão de fé, o professor, embora nem sempre

reconhecido à altura do seu nobre mister, é o ser incumbido pela Providência Divina de apontar ao semelhante o caminho do progresso moral e intelectual, sem o que não haverá equilíbrio para as realizações essenciais à sociedade humana. Por isso, em suas preleções, ele não se dirige aos assim chamados “inteligentes”, mas, como *bonus paterfamilias*, dirige-se a todos, indistintamente, pois sabe que não há pessoa que se baste a si mesma, estando, destarte, mestres e alunos, sábios e ignorantes, em constante processo de aprendizado.

Na escola de Direito, o estudante aprende que não está acima da lei. A partir daí, esse estudante torna-se mais um auxiliar qualificado da sociedade, difusor de idéias jurídicas e conscientizador do povo. Para repetir o ditado francês, constante dos comentários de Sir *Edward Coke*, jurista inglês do século 16 (citado pelo grande *Roscoe Pound*, no livro *Desenvolvimento das Garantias Constitucionais de Liberdade*, Ibrasa, São Paulo, 1965, p. 50), o instante é oportuno: “A lei é a maior herança que um rei pode receber, porque sem ela não haveria nem rei nem herança”. O estudante de Direito aprende, assim, a existência do despotismo da força e do despotismo das leis imorais e, desta forma, fica sabendo quando certos governantes, embora escudados num discurso em nome do povo, legislam em causa própria ou em benefício exclusivo do seu grupo.

O filósofo *José Ingenieros* (no livro *O Homem Mediocre*, Tupã Editora, Rio de Janeiro, pp. 13-14), tratando da *emoção do ideal*, diz ser essa emoção que prepara o homem para grandes ações, aconselhando: “Cuida-a bem; se a deixares apagar, jamais ela se reacenderá. E se ela morrer em ti, ficarás inerte: fria bazófia humana”. Mostra-a como “a partícula de sonho que se sobrepõe ao real”. E o mesmo filósofo faz uma exorta-

ção aos que têm a *emoção do ideal* — e o professor é o ser que procura despertar no pupilo essa chama: “Nem todos se extasiam, como tu, ante um crepúsculo, nem sonham ante uma aurora, nem vibram ante uma tempestade; nem todos gostam de passear com Dante, rir com Molière, tremer com Shakespeare, crepitar com Wagner; nem emudecem diante do Davi, da ceia ou do Partenão. É dada a poucos essa inquietude de perseguir avidamente alguma quimera, venerando filósofos, artistas e pensadores, que fundiram, em sínteses supremas, suas visões do ser e da eternidade, voando para além do real. Os seres de sua estirpe são os idealistas. (...) Na ética do porvir, florescerá um *idealismo moral*. Os ideais de perfeição, fundados na experiência social e evolutivos como ela própria, constituirão a íntima conexão de uma doutrina de perfectibilidade indefinida, propícia de todas as possibilidades de elevação humana”.

Professores e acadêmicos de Direito, temos procurado estudar essa ciência do justo e do bom. E, particularmente, o Direito Constitucional, como a matéria que possa refletir, em uma análise e sistematização, a origem, a história e a organização do Estado, e sua tendência moderna, com descobertas e propostas coerentes, para aperfeiçoar as instituições públicas, tendo por fim a estabilidade e o equilíbrio social.

Não há dúvida de que, em tudo isso, está a grande contribuição da escola, e esta tem, no trabalho do professor, o esteio para o desenvolvimento constante da sociedade humana. Sem o professor, o mundo estagnaria. O professor é um transformador social. Com o professor, faz-se um mundo melhor e mais perfeito.

OSICRAN E O ESPELHO

Osicran era feio. E o mundo gostava de brincar de espelho. Se ele tentava sorrir, o mundo ria dele. Quando chorava, os olhos do mundo mostravam-se maus. O mundo era feio, feíssimo, aos olhos de Osicran.

Bem que ele tentava ser bom. Mas a paisagem que o rodeava não incentivava gestos nobres e desinteressados. Quando alguém lhe batia nas costas, dizendo “tamos aí”, certamente era um gesto falso. Talvez uma tentativa de bater-lhe a carteira.

Todos eram felizes, conseguiam vender imagens bonitas aos semelhantes. Menos Osicran. Como pode ser feliz quem é feio e encontra sempre sua imagem refletida nos olhos do mundo? O que adiantava alguém, de vez em quando, sorrir, conversar com ele, aceitar suas piadas e poesias, se ele sabia que todos esses gestos eram falsos?

Em vão ele tentava semear gestos amigos e palavras boas. Em vão ele queria fazer parte da pátria dos homens bons e, ombro a ombro com seus compatriotas, construir um mundo melhor. Sabia que não seria aceito. Os homens não estão preparados para a grande fraternidade. Por isso aos poucos seu coração foi secando, e ele se rodeando de um espesso muro de silêncio e solidão.

Mas não daria a ninguém o gosto de rir dele quando tentasse sorrir. Seria forte, entrincheirado no triste gueto do “eu sou eu”. Aos poucos foi criando uma espessa crosta de desamor, que é pior do que o ódio,

porque tem sabor de desprezo. E Osicran engoliu todas as suas lágrimas, todos os sorrisos, toda a poesia, tornando-se um triste Robinson Crusoe sem Sexta-Feira.

O mais triste desta história é que ela poderia ser diferente. Poderia ter um final feliz. Bastaria que um dia, após uma noite sem sonhos e sem pesadelos, ele acordasse virgem de decepções e olhasse em um espelho-verdade. Veria então que não era feio, apenas costumava andar virado no avesso.

## O TEMPO

O relógio, implacável, me intima:  
é tempo de acordar!  
Peço licença ao tempo e recolho  
os sonhos espalhados pela cama.  
O relógio reclama.

O espelho me ajeita a máscara do rosto,  
o café apressado me lembra do meu mundo.  
O sapato me aperta,  
a porta me liberta.

Lá fora o tempo me espera carrancudo.

## CASTIGO

“E comerás o pão com o suor do rosto”,  
disse um deus, autoritário, irado  
por causa do pecado  
que ele mesmo inventou.

Sou proletário, sou, e o pão que como  
tem gosto de suor,  
tem gosto de castigo,  
tem gosto de degredo,  
tem o sabor do medo.

Mas também sou poeta, e quando Deus cochila  
roubo a ambrosia que ele leva na mochila.

Ah, como é delicioso o pão roubado,  
tem gosto de poesia, tem gosto de pecado,  
tem gosto de porvir...

E eu me vingo de Deus, patrão desalmado  
que inventou o pecado  
para poder punir.

## UNIVERSO

Eu fiz um universo do meu tamanho  
e fiquei do tamanho do Universo!!!

E voei, como pode voar um homem de chumbo,  
e sonhei, como pode sonhar um homem insone,  
e fui feliz, como pode ser feliz um homem só.

## PEDINTE

Eu venho de muitas terras,  
eu venho de muitas guerras,  
de muitos poemas épicos  
e de discursos proféticos.  
Me arrumem um copo d'água,  
um pãozinho amanhecido,  
uma frase com sentido,  
um verso brega, rimado.  
Cessem os poemas épicos,  
as discussões acadêmicas,  
as disputas por espaço.  
Acendam luzes no escuro,  
me tragam sorrisos puros,  
me tragam gestos de afeto,  
me tragam um forte abraço.  
O que eu pilhei nessas guerras,  
medalhas, troféus, fanfarras,  
discursos e pergaminhos,  
fui perdendo no caminho,  
fui deixando para trás.  
Me arrumem um copo d'água,  
palavras mansas, sem mágoa,  
compreensão, amor, bondade,  
me arrumem, por caridade,  
munição pra minha paz.

## SOL TARDIO

O sol chegou, bem tarde,  
brigando com o relógio,  
contradizendo as horas.

O sol chegou, preguiça,  
vontade de ficar  
dormindo no Japão  
e não trazer a aurora.

O sol chegou, operário  
trazendo o memorando  
do trem retardatário.

O sol chegou, sem graça,  
assim, adolescente  
que chega torto em casa  
depois da festa quente.

Chegou, enfim, bem-vindo  
o sol que vem surgindo,  
com frio, meio sem graça,  
com medo da fumaça.

## CLARIMUNDO DE OLIVEIRA AGUIAR

### UM BARCO CHAMADO *LIBERDADE*

Uma forte brisa varria o convés da popa à proa, enfunando graciosamente as velas, transformando aquele pequeno barco no poderoso albatroz; o espigão da proa, feito um bico cortando os ares, determinava o rumo, dentro da imensidão do oceano: o caminho da liberdade.

No convés, como por toda a embarcação, o acolhedor silêncio era cortado pelo bater das velas, o retesar das vergas e o ranger dos mastros, no afã de aprisionar o vento à vontade do navegador, que de pé, com os olhos fixos no horizonte, segurava fortemente a roda do leme, impondo a sua vontade sobre o oceano. Homem e barco completavam-se num só elemento, numa só força, numa só vontade de nervos e cordames, de músculos e vergas.

O Sol, declinando na tarde, projetava sobre a agitação das vagas a difusa e alongada sombra do gracioso casco, com os seus mastros galhardamente vestidos com todos os panos, como se estivesse indo a uma festa de gala. Por vezes, uma rajada mais forte fazia estremecer toda a embarcação, fazendo-a arremeter com mais força contra o destino que estava à sua frente, querendo romper a barreira de tempo e de espaço que dificultava a sua chegada ao porto predeterminado.

Porém, sempre haverá um lugar para o navegador se abrigar dos temporais, livre das borrascas e dos vendavais, onde a alma possa espairecer dos problemas e, tal como o barco, que ao encontrar o seu porto seguro fundeia a âncora, enrola as velas e afrouxa as amarras,

para descansar e gozar do merecido descanso a que a longa viagem o obrigou e, assim, preparar-se para uma nova aventura.

Em suas entranhas, o barco sente e compreende a vontade do homem; formam os dois um só corpo, um só cérebro e um só coração. Agora também ele está provido de alma e de vontade, que o impele rumo ao infinito, livre das amarras que o prendiam ao cais e impossibilitavam a sua liberdade; pode agora voar sobre as cristas das ondas, deslizando rumo ao desconhecido, vivendo cada segundo passado como se fosse o último, sentindo que a felicidade está presente até na mais insignificante das coisas, fazendo sentir-se o próprio rei do mundo, não importando em nada o que depois possa vir a acontecer, mas, tão-somente, vivendo o momento presente, sentindo o vento rejuvenescedor enchendo as suas velas, dando-lhe uma nova sensação de força e liberdade, só conseguida quando nos desvinculamos dos laços manietadores que nos tolhem a vontade de viver. Uma gaiivota, ciente da sua capacidade de ser livre, era tudo o que naquele momento desejava, liberto dos grilhões e das amarras que o prendiam à terra.

★

Um dia, muito tempo atrás, após uma longa viagem, das muitas que já fizera, foi ancorado por mãos estranhas naquele canto afastado da marina, despido de suas velas, despojado de suas coloridas flamas e tristemente coberto com uma capa, impedindo que o Sol o viesse cumprimentar, como sempre o fizera durante os anos da sua juventude, aquecendo-lhe o cavername, desembolorando-lhe as cabinas e os porões. Longe estavam os tempos felizes, em que tivera oportunidade de percorrer os mares à procura de aventuras e de vida.

Sempre tivera um jovem coração dirigindo o seu leme em busca da eterna liberdade que só o mar pode oferecer, passara por situações em que a vida toma o sentido mais sagrado, aquele de lutar desesperadamente para continuar vivendo, pois só assim, defendendo a liberdade de viver, pode-se dar o devido valor à vida.

No momento, porém, era a própria felicidade que singrava ao infinito, vivendo a cada segundo toda uma vida que há muito deixara de sentir; essa sensação que desfrutava estava presente em seu coração, que também envelhecera e deixara de comandar o seu leme, esticar as vergas, enfunar a bujarrona e sentir o trepidar da retranca no esforço para reter na côncava de sua vela o vento contrário, porém hoje voltara a encher as suas vazias entranhas, fazendo, de novo, palpitar de vida todo o seu casco.

Aquela madrugada fora diferente de todas as últimas. Ainda a Lua estava bem alta no céu quando fora despertado de sua letargia; sentira em seu convés o palpitar de uns tímidos passos, talvez receosos que o viessem a despertar; depois, cuidadosamente, a capa que lhe servia de mortalha foi totalmente retirada, permitindo-lhe sentir de novo os primeiros alvares da manhã. Sentiu-se rejuvenescer com os primeiros raios de calor, fazendo ranger suas madeiras adormecidas; era como um espreguiçar após um longo e pesado sono.

Há muito desabituaado com a luz, foi-se deliciando com os raios do astro rei; depois foi sentindo que lhe vestiam as roupas, ciosamente guardadas no porão da proa: primeiro foi a vela real; em seguida, o pano da retranca; depois, as duas bujarronas da proa foram içadas, as vergas retesadas e testadas, as cordas fixadas às polias de comando junto à cabina do timão.

A fria brisa matutina foi aos poucos enchendo as suas velas, mansamente empurrando-o para o largo, somente impedido pelas amarras que ainda o prendiam ao cais, quando, por fim, a amarra da popa foi finalmente solta. Impulsionado pela força contida em suas velas, com um pequeno pulo ganhou as calmas águas da baía. Sequer voltou-se para trás, evitando olhar para o seu cativo, temia ver-se transformado numa estátua de sal por ter sentido falta da sua prisão.

À sua frente estava a barra, o último obstáculo para o espaço imenso, todavia a firme vontade daquele que voltara a fazer pulsar o seu corpo e a sentir, de novo, o calor da vida levava-o ao sabor do vento para o mar alto.

O barco o corpo, o homem o coração, ambos em plena comunhão na procura da liberdade de ser e de viver, são agora uma só pessoa ou uma única coisa, o barco sentindo e obedecendo à vontade do coração, enquanto o homem sente o seu corpo de madeira estremecer de volúpia.

Companheiros de longos e felizes anos, foram simultaneamente sentindo o passar dos anos e sentindo o seu peso, fazendo-os cair na letargia do tempo. E quando a infelicidade toma conta de tudo ao seu redor, nada mais tem interesse; o corpo, esquecido e coberto por uma mortalha, fica aprisionado a um molhe; o coração, longe do próprio corpo, vai definhando na falta de expectativa, de liberdade e de aventura.

Ao som do vento, a voz do seu coração canta uma alegre canção do mar, que fala de amores e de borrascas, todavia o tom do canto, apesar de brejeiro e saltitante, traduz uma nostalgia, uma profunda saudade ou mesmo um lamento amoroso, uma busca de si mesmo; outras vezes ouvira a mesma canção, porém cantada

com alegria, como se a brisa marítima enfunasse os panos pela ré, fazendo-o singrar alegremente ao sabor das vagas. O canto de hoje, porém, é tristemente amoroso, como se o vento amigo estivesse faltando e com ele toda a força impulsionadora da vontade de navegar.

Por que todo esse pensamento macabúzio se o vento revigorava todo o seu corpo, fazendo ranger os seus mastros de prazer, e o seu velho coração voltava a manobrar o timão, impondo a sua vontade à imensidão do oceano? Faltava alguma coisa! No momento ainda não tivera conhecimento do que realmente estava faltando, porém faltava alguma coisa!

Ganhava agora o mar aberto; a costa era uma tênue mancha dissipando-se no fim do horizonte; o Sol passara do zênite e já declinava para completar um novo ciclo de tempo; à sua frente era só imensidão e silêncio, somente quebrado pelas vagas batendo no casco e pelo lamento do vergame, gemendo sob a força impulsionadora do vento.

Esta não seria mais uma das tantas viagens que já fizera, algo lhe dizia que esta seria especial, pois estava procurando a si mesmo, na incansável busca da liberdade.

Seu velho coração já não palpitava com a mesma intensidade, já não irradiava a mesma alegria das outras tantas viagens, assim como todo o seu corpo estava dolorido pelo longo tempo passado em letargia. Com o esforço de hoje, sentia que a umidade começava a penetrar-lhe as aduelas, encharcando-lhe os porões, porém a alegria de perceber em si a liberdade, cumprindo novamente o seu destino, fazia o velho barco sentir-se novamente jovem; também o seu coração aspirava profundamente o ar, na procura do sopro da vida, como que querendo embebedar-se nessa fartura de energia.

Seu corpo de madeira sentia no coração a nostalgia, aquele aperto angustiante de quem quer chorar mas não consegue, e a lágrima que teimosamente procura sair é impedida, ficando presa na garganta, como querendo engolir em seco a dor e a tristeza.

O vento de popa fazia-o planar célere por sobre as ondas e sua quilha singrava rumo ao pôr-do-sol, à sua frente a liberdade de todo o espaço sem fim, sem embargos e sem contratempos.

★

Durante toda a noite, o *Liberdade* com a sua proa buscou um porto de abrigo. Suas velas magistralmente manobradas captavam a força do vento impulsionando o seu corpo rumo ao destino. Já pela manhã, ventos contrários obrigaram-no ao uso de todo o velame mais a habilidade do velho marinheiro, que, na concentração do esforço do leme com a retranca, desenhava nas ondas uma esteira serpenteada, levando-o, mesmo contra a vontade do vento, para o caminho predeterminado. Era estranho, até aquele momento não sentira a presença de mais ninguém, todavia não poderia estar fazendo a viagem sozinho.

No dia anterior, esteve tão absorvido na tristeza dos seus pensamentos, que não notara que um outro coração também batia em seu casco; só que este era um coração mais jovem e que caminhava pelo seu convés, em pequenos e delicados passos, e quando parava perto da roda do leme fazia o seu velho coração palpitar mais rápido e às vezes até perder a compostura. E muito, sem saber por que, sentiu-se também palpitar de prazer, como há tempos não sentia. Procurou ver quem era o outro passageiro, que transmitia ao seu velho costado tanta sensação de prazer. Os pensamentos soturnos do

dia anterior haviam desaparecido totalmente, era como se o tempo não houvesse passado, fazendo-o retornar aos tempos felizes das viagens de outrora. Como era bom poder sentir-se outra vez jovem! Até aquela umidade chata encharcando o seu porão tornara-se sem importância.

★

Por fim, sua vela mestra foi amainada, recolhidas as bujarronas e sua âncora fundeada; ao seu redor, a paisagem mostrava toda a exuberância de sua beleza, deleitando-o de prazer. Seu coração estava feliz ao lado de um outro coração, e ele também sentia-se feliz: o seu amigo Sol aquecia-o como nunca o aquecera antes, o mar acariciava-lhe o casco com o bater suave das vagas.

Agora que os dois estavam na praia em frente, pôde observar melhor o estranho: era uma bela e jovem mulher, porém o seu corpo não estava queimado pelo Sol, como as anteriores passageiras; também não estava de roupa de banho e procurava ficar sempre à sombra, mas isso não tinha a menor importância. Voltara às suas atividades, seu coração voltara a bater no compasso das marés e no embalo das ondas e agora tinha uma nova companheira. Olhou embevecido e enamorado para a praia: os dois estavam sentados sob a sombra de uma palmeira, gesticulavam e falavam alto; por várias vezes a mulher abanou negativamente a cabeça, enquanto o homem procurava consolá-la.

Era grande a diferença de idade entre eles, e *Liberdade* pensou consigo mesmo: é muito jovem e parece não gostar muito de mim e também do mar, mas mais algumas viagens e logo se acostumará, e quando se acostumar, viveremos felizes os três por esses mares sem fim. Com certeza toda aquela juventude irá aque-

cer-nos e dar-nos a força revigorante para vencermos o tempo e a felicidade.

Por fim, embalado pela madorna e pelo balanço das vagas, cochilou. Foi despertado pelos passos dos seus passageiros. O homem, num tom queixoso, perguntava:

— Tens certeza de que será necessário fazer isso mesmo?

— Sim, esta foi a primeira e será a última vez que farei isso. Pode até ser muito bom para todo mundo, mas para mim não é, e já havíamos combinado tudo.

— Será como queres. Hoje toda a minha felicidade depende de ti, então, por ti, farei qualquer coisa.

Diálogo estranho aquele, pensou *Liberdade*. Ela parecia estar muito feliz, mas ele! Ele estava verdadeiramente aterrado, preso a uma promessa que em verdade não queria cumprir. Um calafrio percorreu todo o seu casco e sentiu o encolhimento de uma das suas aduelas, que estava provocando uma pequena infiltração no porão da popa. Sinal aziago aquele, a pequena infiltração faria a sua internação em alguma doca seca para o reparo do seu casco. Era um contratempo: agora que tornara à ativa, tinha de parar novamente para reparos, tinha de ficar novo de novo para poder voltar à vida. Não mais poderia viver amarrado a um cais ou esticado num palanque, longe da água, isso seria a morte.

Na manhã seguinte, o dia amanhecera cinzento, e a temperatura e a umidade marcadas no barômetro indicavam a possibilidade de mudança de clima. Seria outra, entre tantas pequenas e grandes tempestades por que já haviam passado; isso o seu casco tirava de letra: apesar de velho ainda era muito forte, e o seu capitão, bastante experiente para saber fugir a qualquer borrasca.

A companheira do seu capitão sequer saíra da cabina, enrolara-se num cobertor e esperava a hora da partida, negando-se a fazer alguma coisa. Por várias vezes o homem pedira-lhe para verificar se todas as coisas soltas no convés estavam devidamente presas e guardadas, todavia nem se mexeu e assim permaneceu, amuada como criança a quem algo fora negado.

Com o velame todo enrolado para não ser surpreendido por alguma rajada mais forte de vento e movimentado apenas pelo seu motor, o *Liberdade* inicia a sua viagem de volta.

Atento, o homem segura com as duas mãos o timão, mantendo o rumo do barco, sempre rasgando as ondas, que já começam a se encarapelar, quando uma forte golfada gelada varre todo o convés da proa à popa, fazendo o *Liberdade* estremecer num calafrio. Lá fora, já em mar alto, a chuva forte começava a castigar o seu tombadilho, ressoando a cada gota como se fosse um tambor, tocando uma sinfonia constante e metódica, cadenciada com o matraquear do motor, que impulsivava e mantinha o barco sempre rasgando as ondas, impedindo a todo o custo de ser apanhado de lado, o que fatalmente os levaria para as profundezas.

Na medida que a tempestade vai aumentando, aumenta também o nervosismo da mulher, que agora se lamenta e chora de pavor, maldizendo a viagem, o barco e tudo o que se referia ao mar. Por ela, o *Liberdade* continuaria esquecido no canto daquele molhe e que apodrecesse, ela não estaria sequer um pouco importada. A tudo o velho barco vai assistindo, ao desabafo ciumento da mulher, à resignação do homem; sente todo o seu costado dolorido pelo constante embate com as fortes ondas, aumentando, em muito, a infiltração da água nos seus porões; porém agora não podia falhar, terá de

levar os seus passageiros a salvo até algum porto ou alguma praia, não é que lhe faltassem forças, faltava-lhe era vontade, vontade de lutar, vontade de vencer.

\*

O esforço para chegar a salvo até ao porto de saída fora recompensado. Lá ao fundo, o *Liberdade* podia enxergar a entrada da baía, bem para dentro estava o seu lugar de repouso, onde esperaria que o tempo fosse destruindo todo o seu casco, apodrecendo as aduelas e o próprio cavername, num processo inexoravelmente lento. Só que não teria mais esperança como tivera da última vez; agora saberia que era para sempre, ficaria naquele canto do cais, coberto por sua mortalha, até que as suas entranhas fossem carcomidas, e um dia um grupo de trabalhadores munidos de suas ferramentas chegaria para o desmontar, tábua por tábua, peça por peça, até que do seu garboso casco nada mais existisse. Seria o mesmo que tivesse morrido sem sequer ter direito a um funeral digno.

Passava agora pela boca da enseada. O matraquear do seu motor aos poucos ia levando-o para mais perto do cais de desembarque; em poucos minutos sua proa encostava suavemente no molhe; depois, ajudado pelo leme, sua amurada foi-se acomodando no espaço. Lá ao longe o lugar fatídico o esperava.

Tão logo ficou imóvel, sua passageira saltou lépida para o cais, com o rosto transtornado pelo medo e pela revolta, soltando pragas e maldições. O homem, no afã de prender as amarras da embarcação, prestou-lhe pouca atenção, respondendo às palavras da mulher com monossílabos; seu rosto cansado demonstrava irritação, não só pelo constante matraquear da sua companheira, como também pela decisão que havia tomado de não

mais voltar a navegar, de esquecer o seu velho companheiro de aventuras, deixando-o novamente ancorado, só que agora definitivamente.

Instintivamente, *Liberdade* sabe que aquele iria ser o seu último dia de viagem. Espera pacientemente que o seu coração o conduza até à sua catacumba, ao lugar do seu repouso final, onde irá morrer lentamente, longe das ondas e do Sol, das borrascas e das calmarias, da imensidão dos oceanos. É-lhe penosa a idéia de ter de esperar assim o próprio fim, todavia essa última viagem tivera todos os ingredientes de uma grande aventura, a sua última aventura.

Uma vaga mais forte atravessou a baía e foi rebentar em seu casco, como para lhe dar um safanão, para acordá-lo, fazendo-o voltar de novo à realidade, à luta: não poderia deixar que o seu destino fosse assim selado, tinha o direito de morrer dignamente, morrer como o barco que sempre fora, orgulhoso e valente. Com o impulso, uma das amarras que o mantinham preso ao cais desamarrou-se. Sentindo a sua proa livre, foi movimentado o seu leme, de modo a embicar o seu espigão rumo à barra; seu motor, que ainda funcionava em ponto morto, com o embate da onda engatou a marcha e foi saindo lentamente até ficar preso à corda da ré. O cabo retesou-se com o esforço, ficando assim durante alguns minutos.

O homem, no cais, ficou momentaneamente sem saber o que fazer, se dava atenção para a mulher, se corria para segurar a corda do barco; depois olhou como quem realmente quer ver e sentir, e não somente olhar por olhar, e pôde compreender os sentimentos do seu velho companheiro.

Sentiu que o que estava tramando era cruel: negar-lhe a liberdade de viver e de morrer, deixá-lo, mes-

mo por amor, preso a uma morte em vida, sem expectativas, sem sonhos ou sequer ilusões.

A amarra pressionada pela força do motor foi-se rompendo e o homem, parado no cais, não toma nenhuma atitude, deixa a amarra romper-se libertando o barco. No seu íntimo luta para tomar uma decisão: ou deixa tudo para trás e segue a liberdade do *Liberdade* ou deixa-se envelhecer em algum canto esquecido de uma casa.

Lentamente o espigão do *Liberdade* aponta para a barra. Lá fora, o bater das ondas sobre o cais demonstra que a vida é uma eterna luta e que o guerreiro deve perecer em luta, não esquecido a um canto, como coisa sem valor, à qual ninguém mais dá a devida atenção.

Duas grossas lágrimas caem dos olhos do velho lobo do mar. A caminho da glória vai uma boa parte de si mesmo.

25/5/98

## DEMOCRACIA

### 1. Origem e Conceito (Noções)

- 1.1. Embora sendo um termo antigo, cuja origem remonta aos gregos, a democracia moderna é efetivamente o resultado das doutrinas liberais que encontram a síntese na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Ali está o JUS-NATURALISMO, com a concepção dos direitos naturais e da igualdade humana; nela se configura a *liberdade do contratualismo*; o famoso documento de 1789 também estabelece os meios por que tais direitos encontram a garantia, através do próprio mecanismo da divisão dos poderes.
- 1.2. A concepção democrática teve em ARISTÓTELES um precursor, quando disse serem a IGUALDADE e a LIBERDADE os fundamentos do governo democrático. Porém, literalmente, a definição inicial de democracia liberal é: "Governo do povo, pelo povo e para o povo", segundo ABRAHAM LINCOLN (cf. art. 1º, § único, da C. F.).
- 1.3. Como se sabe, ARISTÓTELES classificou os governos segundo as suas formas.
  - 1.3.1. As *formas puras* de governo, para ele, são:

- a) *monarquia* (governo de um);
- b) *aristocracia* (de alguns, dos melhores);
- c) *democracia* (governo do povo).

1.3.2. As *formas impuras* (degenerescência das primeiras):

- a) a *tirania*;
- b) a *oligarquia*;
- c) a *demagogia*.

1.4. O filósofo grego teve a noção moderna da Democracia, ao afirmar que *a verdadeira liberdade só se realiza politicamente quando há a rotatividade do poder*, um dos postulados básicos do direito público contemporâneo.

1.5. “A primeira espécie de democracia é aquela que tem a *igualdade* por fundamento” (*A Política*, Livro VI, cap. IV). “O princípio fundamental do governo democrático é a *liberdade*; a liberdade, diz-se, é o objetivo de toda democracia, ora, uma das características essenciais da *liberdade* é que os cidadãos *obedeçam e mandem alternadamente*” (*idem*, Livro VII, cap. I).

1.6. Entre os gregos, a noção de democracia caracteriza-se, sobretudo, pelos elementos:

- 1.6.1.a *Isonomia* (igualdade perante a lei, sem distinção de classe ou riqueza — art. 5º da C. F.);
- 1.6.2.a *Isotimia* (igualdade de direito em relação às funções públicas);
- 1.6.3.a *Isogoria* (direito de expressão).

1.7. O conceito democrático não pode ser aplicado ao mundo antigo com as modernas características. A sociedade não era a democrática, pois pequena parte da população gozava de plenos direitos. Não só os indivíduos como também as cidades não gozavam de liberdade civil e religiosa. A idéia de liberdade política surge com o LIBERALISMO, indicando a extinção de privilégios ou direitos hereditários, quando, realmente, o povo, que quase nenhuma importância desempenhou no mundo antigo e medieval, passa a ter uma noção política.

1.8. Historicamente, a democracia foi um fenômeno tipicamente americano, pois, no Novo Mundo, as condições sociais e econômicas propiciam aos colonos, imbuídos das idéias constitucionais, a realização da liberdade.

1.9. Quando se fala em democracia, o problema essencial não consiste propriamente em defini-la como “governo do povo, pelo povo e para o povo”, na expressão de LINCOLN, como vimos anteriormente, mas conceituar o seu elemento básico, a liberdade, e assegurar-lhe a efetiva realização. A esse elemento tem-se que associar o de igualdade, pois a democracia, para ser realmente o ambiente de liberdade, precisa propiciar as mesmas possibilidades a todos os cidadãos (art. 5º da C. F.).

Nesse passo, é interessante consignar o conceito de democracia dado por ANDERSON DE MENESES, *in Teoria*, pp. 304-5: “Democracia é o ambiente em que um governo de feitio constitucio-

nal garante, com base na *liberdade e igualdade*, o funcionamento ativo da vontade popular, através do *domínio da maioria* em favor do bem público, sob a fiscalização e critério da *minoridade atuante*" (grifamos).

- 1.10. HAROLD J. LASKI, in *La Libertad en El Estado Moderno*, pág. 17, entende por liberdade a ausência de coação sobre a existência daquelas condições sociais que, na civilização moderna, são as garantias necessárias de felicidade individual.
- 1.11. A liberdade consiste não só na possibilidade de resistir ao poder, tendo, para isso, meios eficientes na lei e na estrutura social, como também na possibilidade de participar no governo. Por isso, BURDEAU conceitua a *liberdade-autonomia* como a faculdade de participação no poder. Vale lembrar que o Estado Liberal procurou organizar a sociedade de modo que esses dois tipos de liberdade pudessem coexistir.
- 1.12. Não se entende mais a igualdade política como o nivelamento ou a uniformidade dos homens, mas igualdade de trabalho, a saber, oportunidade para todos, sem privilégios.
- 1.13. Vê-se que o moderno conceito de democracia repousa na efetiva realização da liberdade, e não em uma liberdade meramente formal e inscrita em textos legais.

## 2. A Representação Política (Compreensão)

- 2.1. Inicialmente devemos ressaltar que *resistência ao poder e participação no poder* são os dois aspectos essenciais da democracia, segundo a conceituação dos revolucionários franceses.
- 2.2. Vale observar que a democracia é, porém, um *sistema, uma doutrina, uma ideologia*; é mais do que isso, porque a democracia é uma concepção de vida que envolve a existência do homem considerado em face dos indivíduos e perante o poder.
- 2.3. Uma concepção de vida e de poder precisa formular-se em termos objetivos, a saber, estabelecendo os meios práticos de sua efetiva realização. Portanto, a democracia moderna encontrou-os no instituto da *representação política*, e é preciso frisar que a doutrina liberal francesa considerou-a como própria essência do regime democrático.
- 2.4. QUEIROZ LIMA, in *Teoria*, p. 210, ensina que a idéia de representação política foi esboçada e realizada, de certa forma, no Estado Romano, pois o Príncipe não exercia o poder por si mesmo, mas em virtude de um mandato que o povo lhe conferia pela *Lex Regia*. O Imperador era um magistrado que enfeixava todas as magistraturas, porém não governava com poder próprio.

- 2.5. A *representação* é o exercício do poder em lugar de outrem. Numa *democracia direta*, como a helênica, não havia necessidade do *sistema representativo*, porque os próprios cidadãos exerciam o direito de voto em praça pública.
- 2.6. No Estado Moderno, a representação repousa, sobretudo, na doutrina da *vontade geral*, expressão da soberania da *Nação*, como postulou J. J. Rousseau em *O Contrato Social*.  
OBS.: A representação política e a democracia, para alguns autores, são expressões equivalentes. Porém, SILVEIRA NETO entende que não são termos coincidentes, pois pode haver representação de uma minoria. O regime democrático pretende que todo o povo se represente e, assim, é de sua essência o sufrágio universal, o que veremos, mais adiante, neste capítulo.
- 2.7. O instituto representativo originou-se do mandato civil, mas se transformou com a sua aplicação em direito público.
- 2.8. O mandato civil é de natureza imperativa, pois alguém recebe poderes expressos para realizar atos jurídicos em nome de outrem.

*Observação importante:*

Essa relação pode deixar de existir, desde que o mandante casse o mandato conferido, ou o mandatário não queira mais exercê-lo (por renúncia).

O chamado *mandato imperativo* já foi aplicado noutra época, quando os deputados franceses

eram eleitos pelas respectivas circunscrições (hoje, tal fato não ocorre mais).

- 2.9. A representação política moderna realiza-se através do mandato representativo (cf. art. 1º, § único da C. F.). Por este, entende-se que o eleito representa a *soberania nacional* e não apenas um grupo de eleitores. Significa que o representante é irresponsável pelos seus atos e expressões, no exercício de suas funções, gozando de imunidade, como também seu mandato não pode ser renovado (exceto em caso de reeleição), porque ele representa a vontade geral da Nação (cf. art. 53 e §§, da C. F.).
- 2.10. MONTESQUIEU achava que o povo, por si mesmo, não tem condições para gerir os próprios interesses; além disso, isso seria impossível nos grandes Estados. Daí a sua defesa na representação política (*L'Esprit des Lois*, Livre XI, cap. VI).
- 2.11. JOHN STUART MILL, in *Governo Representativo*, revela-se um dos grandes defensores do instituto da representação política, considerando-a como o tipo perfeito de governo.
- 2.12. Vale anotar que, se a representação política já se tornou uma realidade consagrada no Direito Constitucional, doutrinariamente ela ainda suscita controvérsia, pelo fato de que, não sendo representação no sentido jurídico, não seria verdadeira representação.

2.13. O problema é demais complexo para ser resolvido sumariamente, mas é bom lembrar as observações de GIOVANNI SARTORI, quando mostra que *representar* é um modo de *personificar* outrem, através da escolha popular. Mas é bom que se diga que representação não significa obrigatoriamente *eleição*. Todavia, esta é a melhor maneira que a democracia encontrou para assegurar a liberdade política, que não é também um simples problema jurídico, mas uma exigência moral do homem e um imperativo da vida social.

A verdade é que o sistema representativo é um processo de aferição da opinião popular e da realização do exercício do poder.

2.14. Vale acentuar que PAULO BONAVIDES analisou a representação sob um duplo aspecto:

2.14.1. o da *duplicidade*;

2.14.2. o da *identidade* entre representantes e representados.

O primeiro aspecto resulta do princípio da soberania nacional e foi adotado pela Revolução Francesa. Situa o representante como um elemento independente do eleitor. Designados os representantes, através do processo eleitoral, ficam eles inteiramente livres para resolver os negócios públicos, agindo em nome da soberania nacional. Têm vontade autônoma, pois, ao contrário do mandato imperativo, podem decidir como bem entenderem sobre os destinos da Nação.

BONAVIDES deriva o princípio da identidade da doutrina da soberania popular, cujas raízes estão em *O Contrato Social*, de ROUSSEAU. A soberania popular não podia ser representada, mas exercida por si mesma. Assim entendia ROUSSEAU. Foi essa doutrina que abriu caminho para o sufrágio universal, a participação de todos nas decisões políticas, ao contrário da doutrina da Revolução Francesa, que admitia o sufrágio restrito (assunto que veremos no tópico final deste capítulo).

### 3. Tipos de Democracia

#### 3.1. DEMOCRACIA DIRETA

Na Grécia e em Roma antigas, era direta. Os cidadãos reuniam-se em praça pública para tomar decisões (deliberar) sobre os mais importantes problemas da comunidade (da polis).

Atualmente, além de alguns cantões suíços, onde os cidadãos se reúnem periodicamente para votar, não há exemplo de democracia direta, pois seria impraticável, dada a grande extensão territorial e a grandeza da população (número de eleitores) nos Estados Modernos.

#### 3.2. DEMOCRACIA REPRESENTATIVA (INDIRETA)

A Nação não pode exprimir a vontade própria por si mesma e o faz por meio de representantes eleitos pelo povo (art. 1º, § único, da C. F.).

#### 3.3. DEMOCRACIA SEMIDIRETA

É o sistema em que, havendo normalmente a

representação política, o povo intervém, em alguns casos, na órbita legislativa. Os meios de intervenção do povo são:

- 3.3.1. o veto popular;
- 3.3.2. o *referendum*;
- 3.3.3. a iniciativa popular;
- 3.3.4. o plebiscito;
- 3.3.5. o *recall*.

*Explicação acerca de cada instrumento:*

**VETO POPULAR:** entende-se que uma lei só se torna definitiva, quando, após algum tempo, um grupo de cidadãos não se oponha a ela. Se tal acontecer, há necessidade de uma consulta a todo o povo.

**REFERENDUM:** é condição para a validade de uma lei que o povo se manifeste sobre ela.

**INICIATIVA POPULAR:** o povo, por intermédio de determinado número (grupo) de eleitores, tem o direito de propor leis.

**PLEBISCITO:** para alguns autores, tem o mesmo significado do *referendum*, porém há distinção entre eles. Via de regra, o plebiscito é uma consulta *a priori*, e o *referendum*, *a posteriori*. Quando a questão a resolver tem por objeto um assunto de interesse público, tem-se o *referendum*. Quando se trata de aprovar ou não a investidura de uma pessoa no poder, tem-se o plebiscito.

**RECALL:** tem por finalidade destituir funcionários e juízes eleitos pelo povo, mas é um processo de aplicação local. Em nossa Constituição Federal de 1988, a matéria (Democracia Semi-direta) vem tratada no art. 14 *caput* e incisos.

## 4. Sufrágio Universal

### 4.1. CONCEITO (COMPREENSÃO)

4.1.1. O sufrágio é o meio pelo qual os cidadãos escolhem os seus representantes para exercerem as funções de governo. Origina-se do próprio conceito de soberania, pois, estando o poder no povo, cabe a este dizer quem deve exercê-lo.

4.1.2. A questão que se coloca é a seguinte:

O voto é um *direito* ou uma *função* (dever)?

Vamos tentar respondê-la, com base na doutrina de SILVEIRA NETO, *in Teoria*, p. 215. Diz o autor:

“Na teoria da soberania popular, o voto é um *direito* conferido a todos os cidadãos, indistintamente; entretanto, o indivíduo *não é obrigado a exercê-lo*.

Ao contrário, a teoria da soberania nacional considera o sufrágio como uma *função* (dever), de que advêm duas conseqüências importantes:

- a) o exercício do voto é obrigatório; e
- b) pode ser restringido”.

O nosso direito pátrio adota, como norma principal, a doutrina do sufrágio como função (obrigatório), com algumas exceções legais. Somos todos parte de um organismo político e, como tal, não podemos ter a faculdade de exercer ou não o voto. Este é obrigatório, salvo exceções (cf. art. 14, § 1º, da C. F.).

#### 4.2. MODALIDADES DE VOTO

4.2.1. O sufrágio comporta numerosas modalidades, sendo essencial a que o distingue em:

- a) UNIVERSAL;
- b) RESTRITO — censitário  
— de capacidade.

O *sufrágio restrito* limita-o às pessoas de determinadas condições (é aristocrático, quando vinculado aos privilégios de nascimento, como no Antigo Regime).

*Sufrágio censitário*, por motivo de situação econômica (como existiu no Brasil, no Império).

*Sufrágio de capacidade*, quando exige certo grau de instrução.

O *sufrágio universal* não conhece tais limitações, senão aquelas oriundas da própria capacidade jurídica de cada pessoa.

#### 4.3. VALOR ATRIBUÍDO AO VOTO

4.3.1. O sufrágio pode ser *igualitário*, em que o eleitor dispõe de um só voto; e

4.3.2. *não igualitário*, com duas submodalidades:

- a) O *múltiplo*: o eleitor dispõe de um só voto de cada vez, porém vota mais de uma vez, na mesma eleição, conforme a sua qualificação. Assim, um bacharel, também industrial, pode votar duas vezes, por causa da sua dupla condição.

b) O *plural*: o eleitor vota uma só vez, mas o seu voto vale mais. Assim, no chamado sufrágio familiar, o chefe da família tem tantos votos de acordo com o número de filhos.

4.3.3. O *voto distrital*, já utilizado no Brasil até 1930, consiste em que, para fins eleitorais, o Estado seja dividido em circunscrições ou distritos. Cada distrito eleitoral tem os próprios candidatos; os eleitores só podem votar nestes e não nos candidatos de outros distritos. Isso acontece no chamado *voto distrital puro*, mas há também o *voto distrital misto*. Nesse há uma parte dos candidatos que só podem ser votados no distrito, havendo outros candidatos que podem ser votados por todos os eleitores, pelo sistema proporcional.

4.3.4. O sufrágio pode ser: UNINOMINAL e PLURINOMINAL.

No primeiro caso, o eleitor escolhe apenas um candidato, pois este representa a sua circunscrição. Já no voto PLURINOMINAL, o eleitor pode votar em vários nomes, como é o caso do voto por listas.

Deve-se assinalar que há distinção entre o *sufrágio individual* e o *sufrágio por listas*. Naquele, o eleitor escolhe indivíduos; neste, o eleitor escolhe uma lista entre os apresentados pelos partidos.

4.3.5. Convém lembrar que o sufrágio é direto e indireto (sistema eleitoral):

- a) DIRETO, quando o eleitor designa o próprio representante, sem intermediários;
- b) INDIRETO, quando o eleitor escolhe certo número de delegados para votar nos candidatos. O sistema indireto é, portanto, um sufrágio em *duas etapas*: na *primeira*, votam todos os eleitores; na *segunda*, vota somente o colégio eleitoral escolhido por aqueles. Nos Estados Unidos, apesar do presidencialismo, que geralmente adota o sistema direto, o sufrágio é indireto: os eleitores, em cada Estado, escolhem certo número de delegados para, em âmbito federal, votarem no Presidente da República.

Nos sistemas parlamentaristas de governo, a escolha do Presidente faz-se, geralmente, por via indireta.

#### 4.3.6. Considerações gerais sobre o sufrágio:

Diz-se que o voto é público quando não se cerca das precauções do sigilo; é secreto quando a lei toma as medidas para que o segredo do sufrágio seja resguardado. *Exemplo*: Um tipo de voto público, pouco utilizado e geralmente aplicado em certas votações de Assembléias, é o voto nominal: o eleitor (deputado, senador) diz em quem vota.

OBS.: Uma distinção do sufrágio de grande interesse é a que se refere ao *sistema majoritário* e ao *sistema proporcional*.

Pelo primeiro (majoritário), elegem-se os candidatos que obtiverem o maior número de votos sem outra circunstância, podendo tal sistema ser em um turno (quando há somente uma eleição) ou dois turnos (quando se faz nova eleição, não tendo a primeira preenchido as condições previstas em lei).

#### 4.3.7. Por outro lado, no sistema de representação proporcional, elegem-se os candidatos que obtiverem a maior quantidade de votos dentro de suas listas, as quais correspondem aos vários partidos.

É o chamado *voto de legenda*, a saber: o voto que tende a fortalecer os partidos e propicia a representação dos partidos menores. Além disso, os candidatos mais fortes geralmente ajudam a eleger os candidatos menos votados, de acordo com a proporção de votos obtidos pelos respectivos partidos. Elegem-se os mais votados em cada partido.

#### 4.3.8. Os sistemas eleitorais têm grande influência na expressão da opinião pública; argumenta-se que o sistema proporcional tende a multiplicar os partidos, enquanto o majoritário de um turno promove o bipartidarismo; o majoritário de dois turnos se aproxima, pelos seus aspectos, do sistema proporcional.

#### 4.3.9. Após longa exposição sobre a matéria, na ótica da doutrina de Teoria Geral do Estado (T.G.E.), resta frisar que o problema do voto não é de natureza exclusivamen-

te jurídica e técnica; depende, em grande parte, do grau de cultura e discernimento do povo, pois uma autêntica democracia só existe onde o cidadão possui consciência do valor e da responsabilidade do sufrágio.

4.3.10. A importância do sufrágio para o exercício das democracias, isto é, para preenchimento dos cargos políticos: não sendo infalível, o sufrágio é o mais democrático de todos os meios de escolha dos dirigentes de uma sociedade política, sendo ainda de notar que, pela sua periodicidade, sempre propicia a substituição de governantes que não satisfazem às exigências populares.

4.3.11. A propósito, vale lembrar a lição de MAURICE DUVERGER, ao distribuir os processos de escolha dos governantes em duas categorias:

- a) os *democráticos* (quando os governados participam da escolha);
- b) os *autocráticos* (em que a escolha dos governantes não tem a participação dos governados).

4.3.12. No Brasil, desde os tempos coloniais, sempre houve o exercício do voto. É bom frisar que, no Direito Constitucional Brasileiro, tem variado o sistema de voto: o voto censitário (Constituição de 1824); a Constituição de 1891 estabeleceu o sufrágio universal, com algumas restrições: o voto era direto; a Constituição de 1934 trouxe a inovação do voto feminino.

A Constituição de 1967 consagrou a eleição do Presidente da República pelo processo indireto, através de um colégio eleitoral constituído pelos membros do Congresso Nacional e delegados indicados pelas Assembléias Legislativas dos Estados.

A Constituição Federal de 1988 restabeleceu o sistema direto (cf. art. 14).

### Bibliografia:

1. SOUZA, Espedito Pinheiro de. *Lições de T.G.E.* 5ª edição. Sponte Sua, São Paulo, 1996. pp. 111-128.
2. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Saraiva, São Paulo, 1988.

### Apêndice

#### PENSAMENTOS DE NAPOLEÃO

- Um soberano não deve jamais prometer senão aquilo que quer cumprir.
- Tendo sorte, pode-se fazer que um povo seja vitorioso, mas é preciso muita constância para fazê-lo feliz.
- Uma revolução é uma opinião apoiada por baionetas.
- Os jovens executam as revoluções que os velhos prepararam.

- Em uma revolução, tudo se esquece.
- A ambição de reinar sobre as inteligências é a mais forte de todas as paixões.
- Cada hora de tempo perdido durante a juventude é uma probabilidade a mais de desgraça no porvir.
- As almas fortes repelem a voluptuosidade, assim como o navegante evita os escolhos.
- Só acreditamos no que nos proporciona prazer em acreditar.
- Uma mulher formosa agrada à vista; uma mulher boa agrada ao coração. A primeira é uma jóia; a segunda, um tesouro.
- A maior parte daqueles que não querem ser oprimidos querem ser opressores.
- Nos governos, tem-se que rejeitar as paixões e os preconceitos: a única paixão permitida é a do bem público.
- Poderão matar os turcos; jamais vencê-los.
- Sou daqueles que crêem que os castigos do outro mundo não foram imaginados senão como complementos aos insuficientes atrativos que nos oferecem.
- Nada engrandece um batalhão como os triunfos.
- Um gesto do general amado vale mais que o mais formoso discurso.

- Um exército que não se supre acaba por capitular.
- A lei social pode conceder a todos os homens os mesmos direitos; a natureza não os dotará nunca de iguais faculdades.
- O fundamento de toda autoridade está nas vantagens obtidas pelo que obedece.
- Aos olhos dos fundadores de impérios, os homens não são homens, e sim instrumentos.
- Uma Câmara é excelente para obter do povo aquilo que o rei não pode pedir-lhe.
- As milícias palacianas são tanto mais perigosas quando mais absoluto é o soberano.
- É absolutamente indispensável que, ao sair de uma grande revolução, o governo seja duro.
- O Chefe de Estado deve fazer com que tudo, até mesmo o mal, sirva ao triunfo da causa pública.
- Um governo formado de elementos heterogêneos não é duradouro.
- Só existem duas classes na Europa: a que deseja privilégios e a que os repele.

DO CONGRESSO DO PANAMÁ  
À CONFERÊNCIA DE CARACAS  
(continuação)

**Em Madrid**

Madrid conquistou o jovem crioulo.

Na época, Madrid era o centro mais elegante do mundo. A aristocracia espanhola juntava-se à aristocracia francesa, que havia fugido da França.

Embora, na época, dominasse a luxúria na corte, e os parentes de Bolívar gastassem de modo a não desmerecer os usos da alta sociedade madrilena, não esquecia o jovem americano de Rousseau e continuava a se abeberar no manancial das idéias que fariam estremecer tronos e soberanos.

Diz-se que a primeira carta enviada por Bolívar aos parentes da América não era um primor de caligrafia e gramática e que se dedicava, seu autor, mais à esgrima e à equitação que à pena.

**Noivado — o episódio da porta de Toledo**

Com dezessete anos, Bolívar encontrou seu primeiro amor. Apaixonou-se por donzela um pouco mais velha do que ele, porém radiosa de beleza e graça.

Enquanto a noiva o aguardava em Bilbao, durante um ano, Simon continuava a viver em Madrid, como bem entendia.

Certa feita, passava galopando pela porta de Toledo, quando um grupo de beaguins, pensando que fosse algum mensageiro secreto dos amores da rainha, passou a persegui-lo. Isso foi em outubro de 1801. Alcançado, Bolivar sacou da espada e insultou os milicianos. Um daqueles homens revidou as afrontas, dizendo-lhe que um filho das colônias não podia usar os brilhantes que lhe enfeitavam os punhos. Rapidamente, Bolivar se desvencillhou dos adversários e voltou para sua casa. Após o incidente, partiu para Marselha e Paris, uma vez que não era aconselhável sua permanência em Madrid.

Esta cena nos faz lembrar dos romances de Dumas, repletos de lances emocionantes, onde predominam os espadachins e as intrigas da corte.

### A morte de Teresa

Na época, a glória bafejava Napoleão Bonaparte, que acabava de ascender ao consulado. Napoleão representava o mérito galardoado dominando o sangue azul das linhagens e o dinheiro. Ali estava um homem que conseguira um lugar ao sol e, vitorioso, concretizava os princípios de Rousseau e Montesquieu.

Passados alguns meses em Paris, Bolivar voltou à Espanha para desposar a jovem Maria Teresa del Toro, sua noiva, e em seguida viajou para sua pátria. Passados nove meses de idílio, Teresa, vítima de febres malignas, faleceu em Caracas. Novamente, Bolivar se encontrou só no mundo. Contava, então, dezenove anos.

Jurou Bolivar guardar para sempre, intacta, junto ao coração, a memória daquela que tanto amara. Não encontrando satisfação em viver na terra natal, viajou novamente para a Europa.

### Fanny de Villars: “uma amiga romântica”

Uma vez em Paris, Bolivar conquistou aquele ambiente luxuoso e profusamente rico em personalidades literárias e elegantes. Ele mesmo tornou-se um elegante. Ninguém poderia igualá-lo na dança, na esgrima ou no taco do bilhar. Passou a usar um chapéu de feltro cinzento e de abas largas, que se impôs à moda da época e se tornou conhecido por “Bolivar”.

Madrid atraía o jovem herói, mas sua permanência na Espanha foi curta. Mais uma vez buscou na França o lenitivo para sua viuvez.

Ali em Paris conheceu Fanny de Villars, mulher casada que sabia impor ao marido os mínimos caprichos. Amaram-se. Dela diz Emil Ludwig, em sua biografia de Bolivar, na página 23:

Encontrou cedo uma amiga romântica. Fanny de Villars, heroína digna de Rousseau, ao mesmo tempo sua prima e protetora, alguns anos mais velha que ele. Não sendo completamente feliz com o velho marido, era, no entanto, bastante rica e refinada para dar-se ao luxo de alguns amores melancólicos, tinha pois, entre os dedos, todos os fios coloridos da fantasia, para tecer um tapete de amor com o mal do século e seus sentimentos cavalheirescos.

Maria Teresa del Toro como Fanny de Villars não seriam as únicas mulheres a receber a afeição de Bolivar. Outros amores surgiriam na vida do futuro “Liberador”.

### Napoleão e Bolivar

Voltando a Paris, Bolivar modifica seu ponto de vista sobre o grande general corso que, mercê de seu

gênio militar e de estadista, se impusera à opinião pública.

Não apreciava Napoleão e tanto é verdade que, convidado pelo embaixador da Espanha para assistir à coroação, não compareceu a esse ato tão desejado de ser visto pelos seus contemporâneos. Com esse gesto, Bolívar acompanhou Letícia Bonaparte, progenitora do imperador, e Beethoven, que em gesto idêntico deixaram de comparecer à consagração do imperador. Aliás, Beethoven deu maior força a sua atitude, rasgando a partitura da "Heróica".

### Humboldt

Simon Bolívar não se limitou a não comparecer à coroação do general corso. Não conseguiu controlar seus sentimentos. Como passasse a falar e a criticar o grande general, sem a mínima cautela, foi aconselhado a deixar a França. Essa viagem, aliás, não foi retardada porque Bolívar soubera que seu antigo preceptor, Simon Rodriguez, se encontrava em Viena.

Voltando a Paris, Bolívar chegou a tempo de assistir ao triunfo de Humboldt, o cientista que se tornara famoso por suas viagens pelas terras americanas. Trouxe relações com ele e, em sucessivas entrevistas que manteve com o grande cientista e seu secretário Bompland, ficou maravilhado com o que lhe contaram sobre a natureza, fauna, flora, mineralogia, etc. das regiões americanas que tinham visitado. Trouxe, por assim dizer, novo conhecimento com seu torrão natal. Seus olhos contemplaram extasiados a paisagem que os cientistas descreviam. Como é natural, nas conversações, trocaram-se idéias sobre o povo, sua índole, seus cos-

tumes, o regime político da metrópole e não poderia deixar de ser dito algo sobre a independência daqueles povos. Tudo era grande, maravilhoso, opulento e inexplorado naquelas terras. Faltava a liberdade, faltava o trabalho, a iniciativa do braço do homem livre.

Ao que se pode supor, teria surgido dessas conversas o espírito nativista de Bolívar. Pelo menos teria se estratificado sobremaneira.

A amizade e o entusiasmo que surgiram dessas conversas fizeram com que Bolívar oferecesse a Humboldt e Bompland a metade de sua fortuna pessoal, para fundar um instituto que teria como finalidade objetiva a exploração da América do Sul.

### Rousseau, Napoleão e Humboldt

Três personagens, pois, impressionaram a juventude de Bolívar e deixaram profundas marcas em sua personalidade. Querer negar essas influências seria absurdo. A cada passo, em sua vida, surgem os três elementos: a filosofia, a espada e a ciência. Rousseau, Napoleão e Humboldt.

Está completa a formação do estadista e do militar. Com as idéias revolucionárias pregará a liberdade; com a espada realizará a independência dos povos oprimidos e com a filosofia e a ciência procurará consolidar a maioria política dos povos libertados.

Procurando acalmar as inquietudes que lhe assolam o coração, o jovem herói começa a viajar em busca de orientação para as idéias que o assaltam constantemente.

Viaja, ao azar da sorte, para a Itália, carregando a própria bagagem, percorrendo péssimas estradas, utili-

zando veículos de camponeses e pernoitando em qualquer lugar.

Tudo viu e observou atentamente. Conta Rodriguez, seu companheiro nessa peregrinação, que certa feita Bolívar contemplava Roma do alto do monte Aventino e, não podendo sopitar seus impulsos, com os olhos em lágrimas, jurou lutar pela liberdade da pátria e dos povos que a Espanha dominava: “Juro pelo Deus de meus pais, juro por estes; juro por minha honra e pela pátria, que não darei descanso a meu braço, nem repouso a minha alma, antes de romper os grilhões com que nos oprime o governo espanhol!”

### No Vaticano

Em Roma, foi recebido pelo papa, no Vaticano. Negou-se a beijar a sandália de Pio VII e, como fosse admoestado pelo embaixador espanhol que o acompanhava na visita, ouviu quando o Sumo Pontífice disse: “Deixe o jovem indígena fazer o que for de seu agrado”.

A expressão “indígena” feriu profundamente o jovem sul-americano, que desabafou dizendo: “Muito pouco deve estimar o Papa o signo da religião, quando o leva em suas sandálias, ao mesmo tempo que os mais orgulhosos soberanos da cristandade o colocam sobre suas coroas”.

### Voltando à Venezuela

Permanecia ainda em sua peregrinação, quando a notícia da invasão da Espanha pelas tropas napoleônicas põe um ponto final em suas viagens de recreio.

Percebe, imediatamente, que a metrópole, perturbada com as lutas da invasão, não poderia controlar os movimentos revolucionários na América. A derrota da Espanha enfraquecida facilitaria as campanhas da independência.

Não titubeou. Voltou à pátria com essa intenção. Tinha, então, vinte e três anos.

### Uma carta à amiga romântica

Antes de viajar, escreveu à amiga romântica, Fanny de Villars, despedindo-se. Vale a pena conhecer o texto dessa epístola que enviou à amante, pois, através das frases que o sentimento inspirou, pode-se encontrar a determinação inabalável de Bolívar de lutar pela independência dos povos americanos:

Não vos escrevi desde minha partida de Paris. Que vos poderia perguntar e que vos poderia dizer que vos interessasse?... Sempre o mesmo ritmo de vida; sempre o mesmo tédio!... Vou procurar outra maneira de viver; estou enfastiado da Europa e de suas velhas rodas sociais; regresso à América. Que farei lá?... Ignoro-o... Sabeis que tudo em mim é espontâneo, e que jamais faço planos. A vida de selvagem, para mim, tem muitos encantos. É provável que eu construa uma choça nos bosques da Venezuela. Poderei lá arrancar os ramos das árvores a meu gosto, sem temer de ser repreendido, como acontecia quando eu tinha a infelicidade de arrancar algumas folhas de vosso jardim. Ah, Teresa, felizes aqueles que acreditam num mundo melhor! Para mim, este é muito árido.

E mais adiante, revelando parte do intento grandioso, que o tornaria imortal aos olhos do mundo e da História: “O grande imperador acaba de invadir a Espanha e desejo verificar a impressão da América ao saber desse estranho acontecimento”.

## A posição da Inglaterra

Cumpre destacar aqui a atuação da Inglaterra durante a eclosão dos movimentos separatistas que se desencadeavam na América espanhola. A posição da política inglesa era a de soprar os anseios dos sul-americanos. Era um modo de se vingar da Espanha, que incentivara a independência das colônias inglesas.

Desde 1797, os ingleses ocupavam a ilha de Trinidad e dali, mercê da pequena distância que a separa do continente, foi iniciada ampla campanha em favor da libertação das colônias espanholas. A campanha, no rótulo, visava a libertação. Outra era a intenção dos ingleses, que anteviam a possibilidade de conquistar novos mercados. Durante trinta anos, a Inglaterra ofereceu recursos aos revoltosos hispano-americanos, mas nunca concretizou suas promessas.

Além disso, na época, o homem mais indicado para desenvolver a campanha da libertação era o general Francisco de Miranda. Miranda era militar experimentado, mais idoso que Bolívar, e seu nome tinha projeção internacional. Tinha participado e combatido valorosamente na revolução de Paris e nas campanhas da independência americana. Antes que Bolívar resolvesse intentar a independência de sua pátria, já Miranda tinha fracassado por duas vezes na campanha libertária.

Bolívar foi recebido em Caracas como um *dandy* e era disputado pelos círculos da melhor sociedade. Certa feita, funcionava a Junta, teve de preencher uma paqueta, declarando ser subtenente desde os treze anos, embora não houvesse tomado parte em combate algum. Apesar disso, foi levado ao posto de coronel e enviado a Londres como primeiro embaixador do novo Estado.

## Paradoxos...

Cabe aqui observar um paradoxo. O movimento pretendia a independência e, no entanto, a Junta Governativa formada por americanos tinha o título de Junta Conservadora dos Direitos de Fernando VII. E não só: o juramento prestado pelos primeiros revolucionários sul-americanos era concebido nos seguintes termos: "Juro ao povo soberano derramar meu sangue, até a última gota, pela nossa santa religião católica, apostólica e romana, pelo nosso querido rei Fernando VII e pela liberdade da Pátria".

Paradoxos...

## Bolívar diplomata

Napoleão, assenhoreando-se da Espanha, auxiliara a Inglaterra a destruir o vasto império espanhol. Os ingleses dirigiam-se à América para compensar as dificuldades que lhes eram impostas pelo bloqueio que Napoleão instituía. Assim, Bolívar foi muito bem recebido na terra dos *lords*. Impressionou. Falava diversos idiomas. Apenas contra ele tinha um inimigo terrível — ignorava o que fosse disciplina.

Entregando suas credenciais, faltou às normas protocolares e discursou inflamadamente contra a dominação opressora hispânica na América, expondo clara e impetuosamente a necessidade da independência completa de seu país. O Ministro das Relações Exteriores limitou-se a ler, em voz alta, o diploma que acabava de receber:

Em nome de D. Fernando VII Rei da Espanha e das Índias, a Suprema Junta Conservadora de Seus Direitos na

Venezuela, concordou em nomear o Cavalheiro Coronel D. SIMON BOLIVAR, para que indo a corte de Londres, apresente a S.M.B., por intermédio de seu secretário de Estado, a respeitosa consideração deste Governo...

Continuando, acrescentou que tanto Bolivar como a Junta Governativa deveriam permanecer fiéis ao rei e que não recebia, oficialmente, o novo diplomata. Para tanto, era necessário que o Embaixador da Espanha estivesse presente.

Bolivar, no entanto, não perdeu tempo. Durante os três meses que passou em Londres, dedicou-se ao estudo da Constituição inglesa e visitou inúmeras escolas. Mais tarde, esses estudos e observações lhe seriam de grande utilidade.

Travou amizade com Francisco de Miranda e com ele manteve entrevistas sucessivas. Na verdade, o diplomata fora advertido para que não se aproximasse de Miranda e isto porque havia conspirado contra Fernando VII e, portanto, não merecia a consideração dos integrantes da Junta Conservadora.

Note-se, porém, que não era somente Bolivar que se movia nos bastidores da política, aproximando-se daqueles que pretendiam a independência das colônias. O ministro britânico tinha se avistado, por diversas vezes, com amigos de Miranda que conspiravam...

★

### SIMON BOLIVAR: O HOMEM E A OBRA O condor inicia o vôo na cordilheira

Resumo: Miranda; Nomes que não devem ser esquecidos; Puerto Cabello: primeira desilusão na luta pela liberdade; O "Manifesto de Cartagena"; Bolivar, líder da libertação; Primeira

marcha da libertação; A cordilheira; Caracas, cidade livre; Exílio — A "Carta da Jamaica"; Uma pena continental; Nova campanha, novo exílio; Nova tentativa; Discurso perante o Congresso de Angostura; O condor vence a cordilheira: Boyacá; Colômbia, um sonho realizado; Campanha do Equador: Bomboná; San Martin; Rumo ao sul; Campanha do Peru — Ayacucho; Bolívia; Glória ao Libertador: intrigas e ambição.

Talhado para as grandezas,  
P'ra crescer, criar, subir,  
O Novo Mundo nos músculos  
Sente a selva do porvir.  
— Estatuário de colossos —  
Cansado doutros esboços  
Disse um dia Jehová;  
"Vai Colombo, abre a cortina  
De minha eterna oficina  
Tira a América de lá."

Filhos do século das luzes!  
Filhos da Grande Nação!  
Quando ante Deus vos mostrardes,  
Tereis um livro na mão:  
O livro esse audaz guerreiro  
Que conquista o mundo inteiro  
Sem nunca ter Waterloo...  
Éolo de pensamentos,  
Que abrirá a gruta dos ventos  
Donde a Igualdade voou!

*Castro Alves*  
in "O Livro e a América"

## Miranda

Voltando à Venezuela, Bolívar foi recebido friamente. Assim mesmo, soube se conduzir de maneira a preparar o ambiente para a chegada de Miranda.

Francisco Miranda não se notabilizou apenas como soldado da Liberdade. Foi revolucionário que deixou grande bagagem literária. Entre outros escritos, avultam pela importância o "Diário" e as "Cartas", que publicados deram cerca de quinze volumes. Referindo-se a Miranda, diz Luiz Amador Sanchez: "No faltan en su obra gracia y dinamismo, jactancia y osadia, tal un Casanova tropical".

Foi mação, filiado a lojas da Inglaterra; amante de Catarina II da Rússia e combatente da Revolução Francesa. Foi um realizador como raros surgem, no cenário tumultuoso das agitações que presidem a formação das nacionalidades americanas.

Sua obra, diz Amador Sanchez, "es un documento historico y humano, mas que un documento literario".

Miranda, acostumado a lidar com exércitos europeus, muito bem equipados, não podia compreender a tropa que lhe apresentavam: descalça, maltrapilha e ignorante. Não esmoreceu, porém, e pôs mãos à obra.

Outro fato que colocou Miranda em situação delicada foi o que se refere ao fato de Bolívar ocupar o posto de coronel. Que poderia saber ele da arte da guerra para pretender ocupar aquele posto na hierarquia militar?

Iniciada a instrução, foi o coronel Bolívar compreendido pelo general que o adoeceu sobre seus deveres de militar, e isto porque, montado ante os soldados que o aplaudiam, executava diversas evoluções difíceis. Ginete hábil e conhecedor dos segredos da equitação,

Bolívar tornou-se, em pouco tempo, querido pela soldadesca.

A 5 de julho de 1811, assinada a Ata da Independência da Venezuela, foi içado o pavilhão da nova república, idealizado por Miranda: amarelo, azul e vermelho.

Miranda não tinha muita habilidade. Tornou-se antipático à tropa, de que exigia contínuos e rudes exercícios. Por outro lado, criou diversos casos com o Congresso e ali conseguiu bom número de inimigos.

Surgiu mal-entendido entre os dirigentes e dali para a guerra civil foi um passo. As lutas prolongaram-se pelo espaço de treze anos. Bolívar, na batalha de Valência, lutou com valor, empenhando-se a fundo pela conquista de um convento, situado em ponto importante. Foi seu primeiro feito militar de vulto e nele conquistou as esporas de ouro dos vencedores.

A situação era das mais graves e, dia a dia, mais se complicava. Em 1812, na quinta-feira santa, violento terremoto abalou todo o norte da Venezuela e destruiu grande parte de Caracas. A confusão dominou tudo. Miranda foi levado ao poder como ditador e Bolívar, por suas atitudes valentes e desassombradas na luta civil e durante os dias terríveis que se seguiram ao cataclismo, subiu no conceito da população.

## Nomes que não devem ser esquecidos

Há outros vultos que não devem ser esquecidos e merecem menção, tendo em vista o trabalho que desempenharam na luta pela independência, quer como militares, quer como políticos.

Antonio Nariño, nascido em 1763 e falecido em 1825, teve vida repleta de aventuras, como a maioria dos próceres que orientaram o movimento libertário. Durante o período em que a Revolução tumultuou a França, associou-se a um grupo de literatos e políticos que se preocupavam com o destino das colônias espanholas. Traduziu os *Direitos do Homem* e os imprimiu em modesta oficina. Preso, foi enviado a Cadiz. Logrou, porém, refugiar-se na França e, passando para a Inglaterra, continuou a conspirar contra a colônia espanhola. Voltando à América, tornou-se presidente da Colômbia e, após ser feito prisioneiro novamente, a morte pôs termo a sua vida tormentosa.

Companheiro de Nariño, Francisco Antonio Zea notabilizou-se também nas lutas pela libertação. Apoiando os planos de Bolívar, tornou-se o Intendente Geral de seus exércitos. Durante a campanha fundou o periódico *El Correo del Orinoco*. Levado à presidência do Congresso de Angostura, proclamou a união da Venezuela e de Nova Granada, com o nome de Colômbia. Bolívar tornou-se o novo presidente da república e Zea, o vice-presidente. Em sua bagagem literária, além de artigos de cunho científico no *Mercurio de Espanha* e *Mercurio de Agricultura*, encontram-se diversos editoriais no *Correo del Orinoco* e um *Discurso a Los Gobiernos de Europa*.

Deve-se, também, lembrar o nome de Camilo Torres, entre os dos insignes políticos que chefiaram a parte intelectual do movimento de libertação, tendo se salientado nas lutas e na administração pública. Foi presidente de parte da Colômbia em 1812, enquanto Nariño administrava a outra parte. Divergia de Nariño num ponto: era ardente federalista. Nariño tendia para o sistema unitário. Sendo Nariño vencido pelas tropas

da metrópole, Torres ofereceu seus exércitos a Bolívar, convencido de que só o "Libertador" seria capaz de garantir a independência das novas nacionalidades.

Torres ficou conhecido como o "Mirabeau da Revolução Granadina". Foi orador e articulista inflamado. Foi preso pelo general espanhol Morillo e conduzido a Bogotá, onde foi executado e sua cabeça exposta numa jaula de ferro, para exemplo dos povos.

José Maria de Salazar, poeta da escola clássica, foi o autor do primeiro Hino Nacional Colombiano.

### **Puerto Cabello, primeira desilusão na luta pela liberdade**

Desde o início da luta pela independência, Miranda a orientou no sentido de obter pontos estratégicos, junto ao litoral. Para tanto, era necessário ocupar e conquistar Valência.

Bolívar foi designado para comandar a fortaleza de Puerto Cabello, missão que recebeu com desagrado, pois era afastado do teatro de operações. Estando fora da praça de guerra, certo dia, notou que as peças de artilharia disparavam — eram os canhões do forte que comandava que disparavam. Os oficiais tinham se revoltado e haviam dado liberdade aos soldados espanhóis que se encontravam presos no forte. Bolívar conseguiu reunir alguns elementos que lhe restavam e tentou reconquistar a fortaleza. Tudo foi inútil, o forte estava definitivamente perdido. Não perdendo a esperança, Bolívar escreveu a Miranda, explicando-lhe a situação e pedindo-lhe reforços. A carta chegou às mãos do general no dia em que se comemorava o aniversário da independência e para completar a desagradável coincidência

cia, caprichosamente, o destino fez com que Bolívar fosse atacado por tropas superiores em número e derrotado. Desolado com o sucedido, Bolívar conseguiu embarcar num veleiro para La Guaira, acompanhado por cinco oficiais e três praças, tudo o que lhe restava de duzentos e cinqüenta homens que tinha sob seu comando.

Miranda já se julgava perdido e se preparava para deixar o país, levando consigo valores. Tendo em vista essa atitude do general, Bolívar acreditou que o mesmo se vendera aos espanhóis e, sem detença, resolveu prendê-lo.

Miranda foi detido às três horas da madrugada, em uma casa onde se ocultara. Ao pedir-lhe a espada, Bolívar e outros militares que o acompanhavam na diligência ouviram o general bradar: "Bochinche... bochinche... esta gente no es capaz sino de bochinche".

Detido, Miranda perdeu a ocasião de fugir e tendo o general espanhol fechado o porto, na manhã seguinte, tornou-se prisioneiro do inimigo. Conduzido para Puerto Cabello, foi depois transferido para Puerto Rico e dali para Cadiz, onde faleceu em dois anos, após sofrimentos incontáveis, acorrentado aos muros da masmorra.

### O "Manifesto de Cartagena"

Simon Bolívar conseguiu chegar a Caracas, onde se homiziou em casa de um amigo. Dali saiu em companhia de outro amigo, que se ofereceu ao general espanhol para ficar preso em seu lugar. Tudo foi bem conduzido nas conversações. Ficou resolvido que Bolívar se afastaria da Venezuela e permaneceria desterrado.

Embarcando num veleiro, deixaram-no solitário e sem recursos nas praias da ilha de Curaçau.

Conseguiu atingir Cartagena, cidade que tinha governo republicano, que não prestava obediência às ordens reinóis, emanadas de Nova Granada.

Ali, o exilado conspirou, novamente, pela libertação da pátria e publicou um manifesto que se tornou conhecido como o "Manifesto de Cartagena", dirigido aos cidadãos de Cartagena e Nova Granada, concitando-os a se empenhar na libertação da Venezuela. Esse manifesto foi escrito em 15 de dezembro de 1812.

Inicialmente, diz Bolívar:

Aos cidadãos de Nova Granada. Livrar Nova Granada da sorte da Venezuela, e libertar esta da que sofre, são os fins que me propus alcançar com esta memória. Dignai-vos, ó cidadãos, aceitá-la com indulgência em consideração a propósitos tão louváveis.

Sou, granadinos, filho da infeliz Caracas, prodigiosamente escapada do meio de suas ruínas físicas e políticas, e, sempre fiel ao sistema liberal, justamente proclamado por minha política, vim procurar aqui os estandartes da independência, que tão gloriosamente tremulam nestes estados.

Depois dessa introdução, Bolívar passa a analisar as razões que levaram a Venezuela a se submeter, novamente, ao jugo espanhol. A debilidade do governo, tolerante ante tudo que sucedia, fez com que sucumbisse ante as comoções intestinas, que aos poucos foram minando a estrutura da nova república. Era uma república de liberais, sonhada por "certos bons visionários que, ideando repúblicas aéreas, procuraram alcançar a perfeição política, pressupondo a perfectibilidade do gênero humano. Assim, é que tivemos filósofos por chefes, filantropia por legislação, dialética por tática e sofistas por soldados".

E mais adiante, levando o que vinha expondo à conclusão:

Daqui nasceu a impunidade dos delitos de Estado cometidos descaradamente pelos descontentes e particularmente por nossos natos e implacáveis inimigos, os espanhóis europeus, que maliciosamente ficaram em nosso país para o manter constantemente inquieto e promover quantas conjurações nossos juizes lhes permitiam tramar, perdoando-lhes sempre, mesmo quando seus atentados eram tão enormes que atingiam a saúde pública.

Liberalismo excessivo, personificado na debilidade dos dirigentes, que nem mesmo apoiavam o levantamento de tropas veteranas. Ao contrário, toda e qualquer pretensão nesse sentido era vetada. É Bolívar quem narra os fatos:

“As repúblicas”, diziam nossos estadistas, “não têm necessidade de homens pagos para manter a liberdade.” Todos os cidadãos serão soldados quando o inimigo nos atacar. A Grécia, Roma, Veneza, Gênova, a Suíça, a Holanda e, recentemente, a América do Norte, venceram seus adversários sem o auxílio de tropas mercenárias sempre prontas a sustentar o despotismo e subjugar os seus concidadãos.

E assim, não contando com tropas acostumadas à disciplina, a Venezuela fora derrotada. E isto porque:

Somente exércitos aguerridos são capazes de sobrepor-se aos primeiros infaustos sucessos de uma campanha. O soldado inexperiente crê que tudo está perdido quando é derrotado uma vez, porque a experiência não lhe provou que o valor, a habilidade e a constância corrigem a má sorte.

Em seguida, critica veementemente o sistema federativo, no qual fora organizado o novo Estado. A rivalidade entre as cidades acendeu a guerra civil que, por mais que fosse debelada, jamais desapareceu, permanecendo acesa a revolta. Por outro lado, a dissipação das rendas em despesas frívolas e desnecessárias veio

agravar ainda mais a situação. O momento político que se vivia era dos mais precários:

O sistema federal, conquanto o mais perfeito e mais capaz de proporcionar felicidade humana, em sociedade, é o mais contrário, não obstante, aos interesses de nossos nascentes estados. Falando de modo geral, nossos cidadãos carecem de aptidão para exercer seus direitos, porque não possuem as virtudes políticas que caracterizam o verdadeiro republicano — virtudes que se não adquirem nos governos absolutos, em que se ignorem os direitos e deveres dos cidadãos.

Por outro lado, qual é o país do mundo, por morigerado e republicano que seja, que se possa reger, em meio a facções internas e a uma guerra exterior, por um governo tão débil e fraco como o federal? Não, não é possível conservá-lo no tumulto dos combates e dos partidos.

É preciso que o governo se identifique, por assim dizer, com a natureza das circunstâncias, dos tempos e dos homens que o rodeiam, sendo estes prósperos e serenos, o governo deve ser ameno e protetor; no caso, porém, de serem calamitosos e turbulentos, o mesmo deve mostrar-se terrível e munir-se de firmeza igual aos perigos, sem atender a leis e substituições enquanto não se achem restabelecidas a felicidade e a paz.

Depois, a arma do cidadão, nas democracias, o voto, esse elemento que, pacificamente, derruba governos e modifica regimes, tão temido pelos ditadores e advogados dos governos fortes. Esse, o voto esclarecido, o voto do cidadão cômico de seus deveres e de suas obrigações, conhecedor dos problemas nacionais. Mas, não é esse o voto de que trata o “Manifesto de Cartagena”. Bolívar examina o voto dos rústicos do campo e dos políticos intrigantes das cidades:

As eleições populares feitas pelos rústicos do campo e pela intrigante gente das cidades, acrescentam mais um obstáculo à prática da federação entre nós, porque uns são tão ignorantes que votam maquinalmente, e os outros tão ambi-

ciosos que tudo convertem em facção, de modo que nunca se verificou uma eleição livre e acertada na Venezuela e o governo passava às mãos de homens ora desafetos à causa, ora ineptos, ora imorais. O espírito de partido dividia tudo, e por isso nos desorganizou mais do que as circunstâncias. Nossa desunião, e não as armas espanholas, nos restituiu à escravidão.

A seguir, Bolívar analisa os efeitos morais do terremoto, cataclisma que foi habilmente explorado pelo clero, cuja ação favorecia o trono espanhol.

Essas são as causas que Bolívar apontou no "Manifesto" e que, na verdade, revelam as razões da queda da Venezuela. Bolívar evidenciou ser bom observador, político e psicólogo na análise que traçou. E terminou suas considerações assim: "Estes exemplos de erros e infortúnios não serão inteiramente inúteis para os povos da América meridional, que aspiram à liberdade e à independência".

Na verdade, a história se repete e erros que foram criticados pelo agudo espírito observador de Bolívar podem ser assistidos constantemente...

Propõe, a seguir, a conquista da Venezuela, a fim de expulsar os espanhóis. Expõe seus planos, as vantagens, a necessidade da campanha, estuda a situação do inimigo, que é crítica, pois está desfalcado de tropas e não pode se movimentar abandonando os pontos estratégicos onde se encontram os depósitos, e conclui: "Destá forma não seria impossível que nossas tropas chegassem até as portas de Caracas, sem ter travado uma só batalha campal".

E terminando, invoca o apoio de Nova Granada ao grande empreendimento da libertação de sua pátria, dizendo, num arroubo de entusiasmo:

Corramos para quebrar as correntes daquelas vítimas que gemem nas masmorras, esperando sempre de vós a salvação. Não iludais sua confiança, não sejais insensíveis às lamentações de vossos irmãos. Ide céleres vingar o morto, dar vida ao moribundo, soltar o oprimido e libertar todos.

*(continua)*

QUANDO SE ENCONTRA A FELICIDADE

Quando chegou em casa, já era tarde, encontrou semicerrada a porta da frente e, sobre a mesa da cozinha, um recado da mulher que comunicava haver saído para atender a um chamado da vizinha.

O prato fundo para a sopa e o raso para o trivial; ao lado, garfo, colher e faca e o guardanapo de papel.

Sobre o fogão as panelas ainda fumegavam, indício de que ela saíra havia pouco tempo, mas deixara tudo pronto como sempre o fazia, no cumprimento da sua inexorável obrigação de dona de casa. Só que o prato dela não estava sobre a mesa e não se poderia admitir que houvesse jantado sozinha, pois a caçarola de arroz, intacta, aguardava a tirada da primeira colherada.

Ele jantou e, depois de regularmente empijado, ligou a televisão para assistir ao noticiário e ao filme de bague-bague, o que não podia em outros dias, quando a mulher usava da primazia da novela em capítulos, o que o obrigava a ficar matando as palavras cruzadas do jornal.

Naquele dia poderia, enquanto não voltava a mulher, assistir ao seu programa predileto, sem qualquer objeção ou ressentimento, e as palavras cruzadas ficariam acumuladas para o dia imediato.

É bem verdade que ele sempre tivera vontade de estudar à noite em uma faculdade, mas não o fazia para não deixar a mulher sozinha.

Começou a preocupar-se quando, já passado das dez horas da noite, a mulher não regressara e ele não percebia qualquer bulício na casa da vizinha, onde a mulher costumava freqüentar. Contudo, aguardou mais um pouco quando deliberou chamá-la, pois, como o seu horário de levantar-se era sempre muito cedo, precisava deitar-se com tempo de um bom descanso da azáfama do dia tumultuado de trabalho.

Saiu até lá fora e por sobre o muro verificou que a casa vizinha estava às escuras, parecendo não ter ninguém lá dentro ou que todos já dormiam.

Foi até lá e bateu na porta da frente, que não tinha campainha, e apenas o eco das pancadas soou pela casa adentro, que parecia estar vazia, sem móveis e sem gente.

Chamou e a sua voz não encontrou resposta e, então, verificou que na casa não havia ninguém.

Deu a volta pela frente e notou que a casa aparentava estar vazia. Intrigado, chamou a vizinha de baixo que ainda estava acordada, e ela lhe deu a notícia de que os vizinhos haviam se mudado durante o dia, mas que não vira a mulher na casa deles, a não ser para as despedidas, na hora em que a comadre partia. Não tinha o endereço para onde haviam se mudado, pois a vizinha apenas prometera voltar para dar o novo rumo.

Ele, então, voltou para casa julgando que a mulher tivesse ido com o casal de amigos, para ajudar em alguma coisa na arrumação da nova casa, e que, naturalmente, voltaria mais tarde trazida pelo casal.

Não se preocupou mais e foi dormir, pois, casado há mais de doze anos, jamais a mulher lhe dera motivos para ciúme ou desconfianças. Só intrigava-o ela não ter deixado pormenores da saída, além do lacônico recado de que tinha ido atender a um chamado da vizinha.

Dormiu tão logo deitou-se e só acordou com o despertador às cinco e meia, quando notou que a mulher não voltara.

Sobressaltou-se e um terrível pressentimento tomou conta dele, que deliberou não ir ao escritório onde trabalhava, para se inteirar da realidade dos fatos.

Deu uma batida pela vizinhança, mas os conhecidos não lhe deram qualquer notícia e, lá pelas nove horas, foi a um orelhão e ligou para o escritório para comunicar a falta e as razões quando o chefe, asperamente, o atendeu dizendo que ele seria punido pela falta. Não podendo explicar-se, pois o chefe desligara o telefone, resolveu ir até o escritório para melhor esclarecer.

Chegou ao local de trabalho às dez e meia e dirigiu-se ao chefe para explicações, quando este, aos berros, perguntou-lhe onde passara a noite que não viera pela manhã trabalhar. Irritou-se ao ser chamado de irresponsável e respondeu que, dos seus atos, não devia satisfações ao chefe que, de forma tão inusitada, o repreendia e o destratava sem procurar investigar o que houvera ocorrido.

O chefe não estava para muita conversa, pois a mulher lhe chegara em casa depois da meia-noite, sem conseguir explicar onde estivera.

Por isso mesmo, não aceitou a insolência do subordinado e mandou-o ao Pessoal para acertar as contas. Despediu-o sem defesa e chamou dois subordinados para testemunhar a justa causa.

Ele voltou para casa, estarrecido, desanimado ante a perspectiva de, desempregado, não poder nem mais pagar a prestação do BNH.

Nem sinal da mulher, a casa vazia e o desengano, a frustração de ter sido tão incompreendido, como que

se lhe abatessem sobre a cabeça os escombros de uma implosão — e na realidade caíam-lhe os escombros dos seus próprios sonhos. Sentiu-se pela primeira vez um derrotado.

Deitou-se no sofá da sala e começou a olhar o teto, com um imenso vazio na alma, o vazio da inconsistência da vida e da irreabilidade dos momentos seguros.

Mergulhou no túnel do tempo e voltou os ponteiros do relógio da vida dez anos antes.

Reviu o seu namoro desde o início e a sua vida durante os dez anos, quando se sentiu sempre um homem feliz e realizado. Agora, entretanto, via a terra faltarse-lhe sob os pés e o mundo desabar sobre os sonhos de ontem.

Fechou os olhos e voltou o pensamento a Deus, para que o Senhor o iluminasse naquele momento de angústia e de incerteza.

Levantou-se e foi à delegacia registrar o fato. De lá foi ao pronto-socorro, ao hospital do bairro e até ao necrotério para ver se encontrava a mulher. Teve até mesmo vontade de encontrá-la no necrotério!...

De lá dirigiu-se à Justiça do Trabalho para fazer a reclamação trabalhista da qual nem mais tomou conhecimento e que, naturalmente, foi arquivada pelo seu não-comparecimento à audiência designada.

Três anos após, reencontra-se com os antigos vizinhos que manifestam surpresa ao saber do ocorrido, pois, na mudança, haviam-se despedido normalmente da mulher desaparecida.

Ele já se conformara com o ocorrido. Até havia abandonado a casa e lá não mais voltara para não curtir amargas lembranças.

Para acomodar-se ao novo tempo, preferiu ficar sozinho e o seu contato com as mulheres limitava-se a

aventuras sem qualquer responsabilidade, como nos seus tempos de juventude.

Voltou à escola como forma de viver o tempo. Para melhor fazer o curso empregou-se, modestamente, numa clínica médica onde os diretores influenciaram-no a fazer Medicina.

Quando concluiu o curso, ficou como residente num hospital de psiquiatria.

É de salientar-se que perdera a casa — não havia mais razão de mantê-la — por não ter mais pago as parcelas do débito, agigantadas com o tempo pelos escorchantes juros e as correções monetárias do BNH. Também para que precisava de casa se era só?!

Como a vida muda o homem com o seu inexorável trajeto! Ele, que era caseiro, entusiasta do lar, pacato e sem vícios, tornara-se homem sem residência fixa, morando no emprego, sem qualquer pretensão a montar nova casa própria; irrequieto, às vezes briguento, aprendera a fumar, beber e jogar, justificando gastar nos vícios o que gastaria com uma nova esposa.

Porém, gostava do que fazia e o seu constante trato com neuróticos de toda espécie, aloprados, esquisitos e desordenados, fizeram-no um homem sem muito controle nos atos e um tanto desencontrado, para não dizer louco.

Eu sempre tive comigo que o psiquiatra, na constância da convivência com desequilibrados, acaba também por sê-lo e se desajusta no meio social. Ele não poderia ser diferente dos outros.

No trabalho realizado ele examinava laudos, fazia entrevistas, e uma das suas distrações era ficar, nas horas vagas, lendo prontuários de pessoas que por lá tiveram passagem.

Um prontuário chamou-lhe a atenção. Era um prontuário sem nome. Na capa apenas a palavra DESCONHECIDA.

Ele examinou detidamente o prontuário. O histórico era um comunicado da polícia com o encaminhamento para a clínica que dizia:

*No dia ... de ... de 19..., quando o carro da RP nº ... transitava pela rua ..., encontrou sentada na calçada uma mulher branca, que não soube dizer o seu nome nem onde morava. Encaminhada a esta delegacia para esclarecimentos, ela, que parecia muito agitada, limitou-se apenas a proferir palavras ininteligíveis e sem nexo. Depois, ficou a olhar o teto da sala do delegado, perdida em meditações misteriosas. Não portava documentos e, por isso, não pôde ser identificada. Com este a estamos encaminhando para internamento e tratamento.*

Mas por que esse prontuário chamou a atenção do nosso psiquiatra? Apenas porque os fatos ali se deram na mesma época da desapareção da mulher. Mas o que importava isso agora, já passados mais de dez anos que a mulher o abandonara? E se fosse ela? Mas ele estava a mais de cem quilômetros da sua antiga casa e, por isso mesmo, não podia ser ela. Deixou o prontuário de lado e voltou a outros afazeres. Naquela noite não dormiu direito e, no outro dia, a primeira coisa a examinar foi, novamente, o mesmo prontuário.

Investigou e soube que a *desconhecida*, depois de algum tempo, fora transferida para São Paulo, para tratamento no Hospital das Clínicas. Pensou em ir até lá, mas como procurar, no mundo que é aquele hospital, alguém que há quase dez anos para lá fora, encaminhado com o nome de *desconhecida*?

Mesmo assim, quando tirou férias, foi a São Paulo e procurou o Hospital das Clínicas. Depois de muito custo, conseguiu localizar a ficha da *desconhecida* para lá remetida pela clínica onde trabalhava, mas nada além do que já sabia conseguiu descobrir.

Soube apenas que, naquele hospital, ela sofrera duas intervenções cirúrgicas e, ainda sem memória, fora encaminhada a um hospital do governo do Estado numa cidade do interior.

Procurou o hospital citado e conseguiu localizar a ficha da *desconhecida* que fora retirada por um casal que se encarregara de tomar conta dela e a levava dali.

Custou-lhe algum tempo para descobrir o referido casal. Na realidade esse casal de beneméritos mantinha em sua residência uma mulher, que disseram chamar-se Rosa e de quem haviam se comprometido cuidar em virtude de promessa que fizeram por uma graça alcançada. A mulher, que apresentava estar bem de saúde e com a memória funcionando normalmente, não era a mulher dele, entretanto.

Ele perdera todos os dias das suas férias nas suas investigações, porém baldados foram os seus esforços.

Fez, no entanto, uma boa amizade com aquele casal, que lhe disse estar sempre visitando hospitais e asilos. Se soubessem alguma notícia lha dariam.

Voltou ao trabalho terminadas as férias e recomeçou a luta, havendo determinado, consigo mesmo, que nunca mais procuraria a mulher perdida no tempo. Esqueceu-a.

Cansado de morar na clínica onde trabalhava, resolveu tirar uma licença e alugou um apartamento no Rio de Janeiro, onde foi morar, não sem antes comunicar-se com o casal de amigos, a quem deu o novo endereço.

Seu Joaquim, o marido, um dia lhe telefona e pede-lhe para visitar e dar ajuda a uma casa de repouso que abrigava uma meia centena de velhos e era mantida por uma comunidade religiosa.

Foi. Contudo, uma coisa chamou-lhe a atenção: o trabalho das voluntárias que anonimamente prestavam assistência, desinteressada e sem remuneração, aos velhos ali internados. Os velhos falavam muito numa irmã Inês que sempre estava lá e lhes queria muito bem.

Ele, que se tornara também um voluntário ali, interessou-se em conhecer a irmã Inês, a quem contou toda a sua odisséia.

Inês convidou-o a conhecer a comunidade mantenedora da casa de repouso.

Lá ele encontrou, envergando um hábito de monja, uma mulher que julgou ser a sua, desaparecida há doze anos. Quis falar com ela, mas foi-lhe vedado. Gente estranha não podia ter contato com as missionárias. Ele, porém, não desistiu e procurou saber-lhe a história.

Foi-lhe informado que aquela mulher ali aparecera há doze anos e pedira abrigo. Dissera que havia sido atropelada e que o atropelador a deixara à porta de um hospital. Que atendida, ao melhorar, já no outro dia, ligara para o marido no emprego deste, tendo sido destratada pelo chefe que a mandou sumir que o marido não queria mais vê-la. Desorientada, ao sair do hospital, tentou ainda falar com o marido e, no emprego, disseram que ele de lá saíra e se mudara de casa. Envergonhada, mesmo sem ter qualquer culpa, não voltou ao local onde morava. Procurou a comunidade que lhe deu abrigo e ela ali estava até agora.

Era ela, não era outra. Ele, por sua vez, através da irmã Inês, foi atendido pela superiora da comunida-

de, a quem contou também toda a sua história que, diga-se de passagem, batia perfeitamente com a história daquela mulher anônima.

A superiora, depois de muita relutância, promoveu um encontro dos dois na sala da diretoria.

Ele reconheceu naquela mulher a sua esposa. Ela, porém, afirmou que nunca o havia visto antes e que não queria mais vê-lo. Em face dessa categórica tomada de posição, ele percebeu que, perante aquela mulher, ele era mesmo um estranho. Mesmo que fosse ela, ela já não mais era e ele era também um outro, muito distinto do homem pacato de doze anos atrás.

A vida se encarrega de mudar as pessoas. Passados os anos, eu não sou mais o que era ontem e, amanhã, quem serei eu? Tudo muda, tudo passa neste mundo e as pessoas são sempre outras a cada novo dia.

Na verdade, de um simples e pacato auxiliar de contabilidade ontem, ele hoje era um irrequieto e treloucado psiquiatra.

Ontem, ele era um modesto registrador de números em um escritório, que à noite, na modesta casa do BNH, matava palavras cruzadas enquanto a mulher, solitária também, assistia ao capítulo de sua novela. Na solidão em que viviam, nunca se conheceram direito a ponto de desconhecem os hábitos da sua própria casa.

Depois ele mudou, apesar de não ter percebido a mudança, e passou a procurar em todas as mulheres que via a que o deixara doze anos antes.

Quando a encontrou, ela não o reconheceu, como nunca o havia conhecido antes, e ele reconheceu que ela não era a mesma mulher, pois também ele já não era mais ele de doze anos atrás.

Uma mudança operou-se nele de repente. Esqueceu o passado e compenetrrou-se no presente e

passou a ser ele mesmo, não o de doze anos antes, mas o de hoje.

Perdera todo aquele tempo? Não. Ganhara esse tempo todo e formara uma outra personalidade que, agora ávida de vida, iria ser feliz dali para frente. Despediu-se da superiora e pediu-lhe desculpas pelo engano. Foi-se embora e voltou à clínica, ao seu emprego novamente.

A irmã Inês, cujo nome verdadeiro é Irene, hoje embeleza-lhe a vida. Ele fez o divórcio quanto ao casamento antigo e casou-se com Irene, que, também um pouco madura, tudo tem feito para recuperar o tempo que passou.

ISABEL BORAZANIAN

#### AMARELO

Amarelo  
Armar o elo  
O elo arma  
Armar o elo  
Amar o elo  
Na profundidade  
do amarelo  
Eu me armo  
em elo  
Do amarelo  
em olerama.

## AREIA NO SONO

As folhas falam pelo vento...  
e, no alimento do tempo,  
quebram-se estruturas.  
A árvore afronta a calçada...  
A lua despe a rua...  
iluminando as formas  
que se avolumam no espaço.  
A escuridão artificial  
anula a claridade natural.  
Na rua... artificios...  
temperam o sentido da noite.  
A noite... vem...  
Consegue adentrar minh'alma  
cálida... mansa... terna...  
O sono se esquece de mim...  
Mas... continuou sonhando...

## AMOR VERDADE

Seus beijos são constantes na minha boca  
onde a boca é minha e os beijos são seus  
Meus beijos são constantes na sua boca  
onde a boca é sua e os beijos são meus  
Nossos beijos não são nossos...  
Nossas bocas não são nossas...  
Pois transcendem o estar, vão além de...  
Seus olhos são fortes no meu sentir  
onde seu ser é e existe  
onde meu ser é e existo  
Existe, existo, existimos  
Existimos o amor maior  
Nossas energias vibram em comunhão  
onde o amor verdade é nosso  
e forte se faz existir  
Sua cadência em essência me conforta  
e me transporto para o mundo fofo  
da entrega, do ato, da ação  
muito, muito além da razão  
Seu jeito suave, feroso e amigo  
me entorta, me enrosca, me atiça  
e me encontro a voar em sentidos  
mágicos e fortes  
na magnitude do nosso amar  
Vivendo e existindo o amor verdade  
agradeço a força maior  
que lançou o seu caminho  
no meu caminhar...  
Eu que te amo tanto...

## MEMÓRIAS DA EMOÇÃO

São tantas as memórias  
que a emoção carrega  
que a vida nos entrega  
como o amor e a ilusão...

São tantas as emoções  
que a memória se entrega  
e o sentimento alega  
a vida, o sentir, o coração...

São tantos os sentidos  
que na emoção passeiam  
onde os pensamentos se enleiam  
em momentos, nos sentimentos e na razão...

São tantos os momentos  
vividos pelos sentidos  
aglutinando-se na alma  
formando um todo  
e compondo sabiamente  
as memórias da emoção...

## LEVEZA

As linhas do pensamento  
emaranham-se no espaço  
No compasso a brisa morna do dia  
adentra o meu interior  
percorre os meus sentidos  
e quase esqueço de mim...

## CHORO

Não se cria o choro  
ele já vem criado  
às vezes dilacerado  
às vezes encantado  
às vezes afortunado  
às vezes...  
mas brota dos sentimentos  
e fala pelo coração.

## JOÃO RANALI

### A BONECA QUE SALVOU UMA ALMA

Pedro da Mata nasceu com o demônio a lancetá-lo a alma. Tão logo as pernas ganharam movimento, tornou-se o indesejável da cidade. Não podia ver um cão vadio sem puxar-lhe o rabo. Se algum outro menino passasse a distância, atirava-lhe pedras. Nos dias de chuva, afrontava os pingos d'água frios e penetrantes, só para cometer a perversidade de patinhar os pés na lama, endereçando os pingos às paredes, pelo prazer de vê-las emporcalhadas. Era o terror dos pomares. Vivia a saqueá-los. Depois de saciar-se à tripa forra, promovia malvada derriça dos frutos que não conseguira consumir. Se dele não fossem, de mais ninguém seriam. Incapaz de dirigir um alô a quem quer que fosse. O sorriso próprio das crianças jamais resplandecera no seu rosto. A mãe, pobrezinha, cansada de receber as queixas da vizinhança. Era um pervertido nato. Molestava as meninas que ao léu encontrava, instigando-as a práticas obscenas. Filho de um lar que fazia descortinar, ante os seus olhos de menino predisposto ao mal, cenas de violência. O pai alcoólatra a discutir com a mãe e, de vez em quando, enchendo-a de pancadas. Sempre que admoestava o filho, com ternura maternal, Pedro da Mata, nos pouquíssimos momentos que permanecia em casa, retribuía os bons conselhos com um palavrório chulo, ameaçando desaparecer se ela insistisse em colocá-lo no bom caminho. E, assim, fez-se homem, num acúmulo de maldades e malquerenças. Até que, numa noite sem estrelas, quando ia alta a madrugada, ao re-

colher-se para dormir, estranhou não estar acesa a luz da sala, como costumeiramente a deixava a sua sobresaltada mãe. Foi ao quarto dela e lá estava a coitadinha, olhos esbugalhados, largada na cama, enregelada e morta. Levava-a um enfarto sem socorro. Sepultada a infeliz, que só sofrimentos carregara na vida, Pedro apressou-se em vender os tarecos por ela deixados e esborniou-se até o dinheiro acabar. Foi quando a perversidade que fizera domicílio em sua alma tenebrosa afluiu para valer. Tornou-se um ladrão temido. Rixoso, verdadeiro ferrabrás dos freqüentadores das tascas de beira de estrada. Era o Pedro da Mata chegar para todos os presentes escafederem-se de fininho. A vida transcorria-lhe num madracear aterrador. Vezeiro ocupante de todas as cadeias da redondeza, pela prática de furtos os mais insignificantes a assaltos e arrombamentos os mais ousados. Engenhoso, exercitava todas as modalidades criminosas que aprendera no contato promíscuo com façanhudos bandidos. Essa convivência presidial, numa intervalação impressionante de penas a cumprir com os poucos instantes de liberdade que a polícia lhe permitia, fez crescer o seu potencial para o mal. Habilidade, acanalhava a sua ousadia ao aproveitar as datas festivas, quando moradores descuidados comemoravam, para assaltar, levando tudo o que podia. A sua calhordice não tinha limites. Quando carregar os objetos não conseguia, destruía-os, pouco se lhe dando se constituíam lembranças de apoucado valor material, considerado o estimativo. Será que naquele patife, que até a mãe maltratara, não existia um lampejo de amor para com os seus semelhantes?

Aproximava-se o Natal. Em todos os corações aquele amaciamento de paz, aquele resplender de arco-íris, aquele arregoar de bondade e fraternidade. Mas a

mente de Pedro da Mata não era acessível à concepção de instantes amoráveis. Resolveu, para ser bem-sucedido na roubalheira que poria em prática, travestir-se de Papai Noel. Disfarçado no bom velhinho, perambularia pela cidade sem ser pressentido. Se assim matutou, assim colocou em prática o seu plano caliginoso. Na véspera do natalício de Jesus, sempre pelas portas dos fundos, entrava sorrateiramente nas casas, fazendo um rasquio em regra. Tudo o que de valioso lhe caía nas mãos metia dentro de um saco de aniagem. Luzes apagadas, num ermo bairro distante, já a caminho do tugúrio em que despejava o fruto da sua rapinagem, viu uma casa que parecia ter pouco a comemorar. Mas, como para o desonesto o muito que já tem sempre parece pouco, resolveu aventurar. Pressionou a janela que dava para um jardimzinho mal cuidado. O travador, bastante frágil, não resistiu à pressão das suas mãos hábeis e fortes. Lépidamente como um gato, ei-lo no interior da casa. Esfregou as mãos numa manifestação de contentamento, prelibando o escruncho que faria. Pousou o pesado saco de aniagem no chão, com o cuidado que os gatunos sempre usam para não despertar os donos da casa. Ao acionar a lanterna manual para o reconhecimento do território invadido, levou um tremendo susto pelo inusitado do achado. Uma bela menina loira, sentada num sofá de tecido envelhecido e com vários furos causados pela fricção das molas com o pano, permanecia em silêncio, no escuro da sala. Ao ver o ladrão em Papai Noel simulado, a guria não se conteve. Atirou-se nos braços do mandrião, gritando meigamente:

— Papai Noel, Papai Noel, que bom que o senhor voltou!

Pedro da Mata permaneceu estático no centro da sala. Seus pés pareciam chumbados no piso. Verdadeira

estátua de carne e osso, petrificado pela aparição inusitada. A loira criança tirou-o do torpor que o possuía. E tagarelou:

— O senhor se lembra, Papai Noel, quando, antes do meu paizinho ir morar no céu, o senhor vinha todos os anos visitar a gente? Tocava a campainha. A mamãe ia recebê-lo. O senhor abria o saco de brinquedos que trazia às costas, tirava um e dava para mim? E depois ia embora. Desde que o paizinho se foi, nunca mais ganhei uma boneca.

O coração do malvado Pedro entrou em taquicardia. Em nenhum momento da sua tenebrosa existência protagonizara um gesto de ternura. Baqueou. Retirando do saco de anagem uma lindíssima boneca de porcelana, furtada da casa de um milionário, estendeu-a para a menina. Entre lágrimas, lábios trementes, abraçando-a disse:

— Toma, eu voltei porque você tem sido muito boazinha para a sua mãe.

E a pequenina, mergulhada na sua inocência, sugeriu:

— A mãe está dormindo. Quer que a chame para conversar com o senhor, como fazia quando o paizinho ainda estava na terra? Para contar-lhe que o Papai Noel voltou à nossa casa?

— Não, não — respondeu pressuroso o Papai Noel fajuto. E escafedeu-se com esta desculpa: — Preciso ainda visitar outras crianças boazinhas como você.

Passadas rápidas, afastou-se, não sem antes receber dois estalados beijos que a garotinha pespegara-lhe em ambas as bochechas. Andava como um ébrio, não pela ação do álcool, mas por uma estranha emoção que pela primeira vez na vida sentia. Isso nunca lhe acontecera antes. Sem se aperceber, estava a caminho da

igreja da cidade. Quem lhe conduzia os passos? Por que ia ao encontro das luzes do templo, onde nunca antes entrara? Sentia, interiormente, uma mudança na sua personalidade. Já não mais o dominavam impulsos assassinos e de pilhagem. Na sua cabeça, num febril envolvimento, martelava uma intrigante indagação:

— Por que só o mal hei de fazer? Por quê? Se no mundo há tanto de bom para dar e receber?

Como aqueles dois beijinhos que a menina lhe dera. Como os sorrisos que lhe dirigiam os passantes, em mesuras amoráveis, nele reconhecendo a figura lendária que representava alegrias, dádivas e amor. Nunca alguém tivera para com ele gestos tão benfazejos. E passava as mãos no rosto ainda úmido pelos carinhosos beijos.

— Puxa! Nem a minha falecida mãe — resmungou —, cheia de ressentimentos pela vida amarga que tivera com o marido, e ele também, herdeiro das más qualidades paternas, me acarinhou tanto.

Ao aproximar-se da igreja, os últimos cânticos consagradores do nascimento de Jesus chegaram aos seus ouvidos. Eram os acordes finais da Missa do Galo. Entrou no templo ainda iluminado. Os fiéis, ao passarem por ele, davam-lhe adeusinhos, sorrindo cristã e bondosamente. Também, não era para menos. Estava vestido de Papai Noel, a quem todos amavam, e não de Pedro da Mata, o eterno detestado. Na igreja, agora vazia, o sacristão apagava as últimas velas que crepitavam no altar. Encolheu-se num desvão entre a parede e o confessionário, ao ouvir o toque-toque dos sapatos do sacristão nas lajes frias, rumo à porta de entrada. Fechou-a. Correu o ferrolho e sumiu na sacristia. Pedro sentia uma perturbação estranha. daquelas que antecedem algo de estranho que está por acontecer. O que

estaria acontecendo com ele? Parecia um paspalho, um molengão, possuído por sentimentos que jamais experimentara, reduzindo-o a um verdadeiro maricas. Num despojamento que lhe dava uma sensação de bem-estar, o seu corpo parecia desfazer-se de todas as estroinices, perversidades e crimes que cometera ao longo da sua existência. De repente, sentiu uma força estranha impelindo-o para o altar. E Pedro deixou-se levar, sem um gesto de recusa. Galgou, como que empurrado por mãos macias, que mais o afagavam que empurravam, os três degraus que conduziam ao altar onde estava, dedo indicador apontado para o coração chagado, a imagem de Jesus. Mas como? A igreja estava que era uma escuridão só e, no entanto, Jesus resplendia num fulgor tamanho, que a luz que dele emanava feriu-lhe as retinas, forçando-o a fechar os olhos. Ao reabri-los, percebeu que Jesus sorria para ele. Ajoelhou-se e, em lágrimas, pediu perdão por todos os males que praticara durante toda a sua vida inútil e vazia. Tentou encarar Jesus, mesmo que fosse pela última vez. Sentia necessidade de fazê-lo. Assustou-se. Agora era Jesus que se movia em sua direção. Estendeu-lhe a mão numa atitude acolhedora. Ao tocar com as suas as de Jesus, ainda marcadas pelos cravos do seu sangrento mas sublime sacrifício, sentiu um forte estremeção. Uma dorzinha impertinente na altura do coração fê-lo tontear e cair sobre o tapete que separava o sacrário da nave principal da igreja. Inopinadamente, viu-se de mãos dadas com Jesus, rumo às alturas, varando nuvens, até chegarem a um lugar de exuberante beleza e paz. O arrependimento de todos os seus desvios humanos conferiu-lhe o direito de conhecer a doçura do perdão e a glória de partilhar do reino dos justos, dos santos e dos bons. Volveu os olhos para a terra, num impulso instintivo de revê-la. E viu, na casa

que invadira antes com o propósito de roubar, a garotinha a ninar, toda felicidade, a boneca que lhe dera. A mãe, ao lado, pondo em dúvida, por inverossímil, a história de que Papai Noel entrara-lhe na casa e, depois de haver trocado algumas palavras com a sua menina, deu-lhe de presente a boneca.

— Está bem, filhinha, está bem. Eu acredito na tua história. — E passou, como prova da credibilidade que dava às suas palavras, as mãos, meigamente, nos cabelos loiros da menina, campo trugal suavizado por uma brisa branda.

Pedro da Mata não se deu conta de que alguém se aproximava. Era um homem de feições delicadas, rosto levemente macerado, sorriso aberto num acolhimento fraterno. E foi logo dizendo, numa demonstração de intimidade:

— Obrigado, amigo. Aquela menina que você fez tão feliz, dando-lhe uma boneca, é a filha que Deus me deu na terra.

## A PREVISÃO

Quiromante inveterado, o velho Frederico passou toda a sua vida, desde a trêfega juventude, oferecendo as mãos para a análise e previsão do seu futuro a todas as ciganas que lhe atravessassem o caminho. Tinha até dia e hora marcados com uma simpática buena-dicha, chamada Natacha, nome que se associava, como a mão à luva, às suas origens andarilhas. Livre, alma boêmia, vivia perambulando pelos bares do bairro à procura de clientes aos quais ilaqueava com promessas de mirabolantes realizações. Generosa, até mais do que devia, com os consulentes que abriam a bolsa para a compra da ilusória felicidade que a ledora da sorte apregoava com palavras que pareciam gotas de mel a caírem nas bocas dos caminantes cansados de sofrer desilusões e maldades. Bocas que babavam ante o contato com o corpo moreno da filha do nomadismo que, maliciosamente, premia as coxas nos joelhos dos que à sua frente se sentavam para ouvir-lhe a interpretação do que diziam as linhas das mãos. Frederico constituía, para ela, o pescado que as ondas da vida atiraram na sua praia. Já aposentado, celibatário, galanteador inveterado, tinha como *hobby* procurar amores clandestinos que lhe embelezavam os dias da velhice que, por mais que se embonecasse, mostrava-se tragicamente visível nas rugas que lhe sulcavam as faces e no embranquecimento dos bastos cabelos. Aos sábados, à noite, era infalível: escudado na desculpa de conhecer o seu destino, e como evitar tropeços, ia visitar Natacha. E ela, sabichona, interessada em conhecer-lhe as predileções, descartava outros clientes para, sozinha, recebê-lo, toda louçã. Os longos cabelos, trabalhados em tranças, terminavam em pontas enlaçadas por fitas coloridas. Aprimorava-se

no que tinha de melhor para vestir. Todo esse aparato para esperar Frederico que, perfumado ao exagero, com apoio numa bengala, objeto de pura vaidade e não de precisão para amparar-lhe os passos, com o cabo engastado numa peça de prata onde mandara gravar o seu nome, caminhava lépido, com os lábios embicados num leve assobiar, rumo à casa da vaticinante. O *aplomb* com que desfilava no percurso que ia da sua casa de solteirão à de Natacha chamava a atenção pelo tocar forte da ponteira da bengala no duro piso da calçada. Ao vê-lo passar, murmuravam os maledicentes:

— Lá vai o boboca para os braços da cigana.

— Qual nada! — objetavam os mais moralistas. —

O coitado maluqueceu de vez, de tanto andar atrás das trapalhadas da cigana. É visita de cliente para profissional.

A verdade é que o coitado do Frederico tinha um medão de morrer sozinho, abandonado como um cão vadio. Encarava a morte como uma traiçoeira que andava a espreitá-lo para atocaiá-lo e, de surpresa, levá-lo desta vida. Sem ninguém para reanimá-lo, comprimindo o peito para restabelecer os batimentos cardíacos ou fazer-lhe o boca a boca, como via constantemente pela televisão nas cenas de salvamento aos asfixiados. Que fossem para o diabo os vizinhos que lhe acompanhavam os passos com olhares maliciosos e pífiros comentários. No aconchego de Natacha era aquela festa completa. Da saleta onde ela recebia a clientela, a sós, depois de segurar-lhe as mãos para desvendar o que diziam as linhas reveladoras, com manhas de gata sabida, arrastava o Frederico para a cama, onde lençóis alvíssimos, recendendo a alfazema, os esperavam. Certa noite, enlaçados em doces colóquios — para Frederico, é claro, porque Natacha outra coisa não via no velho que não o

seu filão de ouro —, a cigana convenceu-o de que, em sendo ele solteirão, caso viesse a acontecer-lhe algo de inesperado e a morte sobreviesse, não teria para quem deixar os benefícios previdenciários. Quem iria desfrutá-los? Perder-se-iam em favor do governo. O que lhe parecia uma judiciação. E a casa, então, tão bem arrumada e cuidada, seria considerada herança jacente e o mesmo governo, que não dá nada a ninguém, só o esfolara em impostos pesados até agora, iria também abocanhá-la. Com reserva de usufruto podia doar-lhe o imóvel. Seria uma garantia para ambos. Ele com residência garantida por toda a vida e com a alma lavada por havê-la deixado para quem tanto o amava. Uma boa para ambos. E, no ardor de corpos apaixonados, arrancou de Frederico a promessa de que cuidaria logo da doação, nos termos aventados. A esperta cigana, a partir de então, para convencê-lo de vez a transferir-lhe o único bem que Frederico possuía, passou a mostrar-se amuada, pouco acessível, até arredia na prática do amor. Foi enleando o Frederico que já não podia viver sem ela. Até que o prometido, para revivescer a grande paixão que Natacha por ele fingia sentir, acabou sendo cumprido. As visitas que Frederico a Natacha fazia passaram a ser mais freqüentes. O amancebamento acabou suplantando o diz-que-diz-que da vizinhança, para tornar-se de público conhecimento. E Frederico, como se o mundo dos prazeres estivesse para acabar, cada vez mais hígido e mais impetuoso no possuí-la. Como fazer para apressar-lhe a partida para a Eternidade?, matutava a cigana com os seus botões. Passou a suportá-lo sem demonstrar o menor afeto. Numa noite estontantemente cálida, olhou Frederico bem no fundo dos olhos e profetizou:

— Não estou gostando da sua cara. Está pálido, com os olhos amortecidos. O que há com você?

— Nada — retrucou Frederico, surpreso.

— Me dá as mãos.

Ele as deu tremendo mais do que Natacha, que simulava a sua tremedeira, antes de proferir a terrível e falsa previsão. Sobrolhos cerrados, para dar ênfase à encenação, resmungava, à medida que passava os dedos pelas linhas das mãos espalmadas de Frederico:

— Hum... Hum... Não estou gostando nada do que vejo.

— O que é? — indagou ele, aflito.

— Estou vendo bem aqui no centro, no interciso de todas as linhas que preconizam a longevidade da vida, que você vai morrer afogado.

Num fingimento desconcertante, abraçou-o aos soluços:

— Não me deixa, querido, não me deixa.

A partir de então, premunido, Frederico deixou de ir à praia para os seus banhos matinais. Passava ao largo sempre que tinha um rio para atravessar. Qualquer pocinha d'água que as chuvas deixavam nas sarjetas e buracos das ruas punha-o medroso. E de sobreaviso. Os amigos perceberam que Frederico não era mais o mesmo. Perdera a vivacidade. Falava constantemente em morte, coisa que mal lhe passara pela cabeça antes da tétrica revelação de Natacha. Fugia do convívio dos companheiros. Abandonara o agradável sorver de um choupinho e das partidas de dominó, coisas de aposentado, nas mesinhas do bar que habitualmente freqüentava. Do mar que tanto amava e onde vivera os melhores dias da sua mocidade, queria distância. Ouvir-lhe o murmurar e o quebrar das ondas na praia de quentes areias, era o suficiente. A síndrome do afogado dele se

apossara. Os da sua intimidade começaram a preocupar-se, depois que a um deles confidenciou:

— Estou com os dias contados. Vou acabar morrendo afogado.

Já era uma obsessão. Idéia fixa instalada na sua mente de homem apegado às previsões de adivinhos de todas as origens e orientações.

— Bobagem, homem, não dê atenção a essas lengalengas — insistiam os amigos que procuravam reanimá-lo.

Os efeitos psicológicos da espertalhona em minar a resistência do coitado, para empalmar-lhe a casa em definitivo, começavam a produzir efeito. Os passos do Frederico tornaram-se lentos. O peito, oprimido por dores agudas e intermitentes. Arfava num respirar difícil. Sintomas que lhe aguçaram a certeza de que Natacha acertara em cheio ao prever-lhe o fim. Era um homem acabado. Até o pouco d'água acumulado na pia do banheiro, durante as abluções matinais, punham-no sobressaltado. Cismava, Natacha disse que morrerás afogado. Num domingo de radioso sol, um velho amigo, apiedado do seu aspeto, convidou-o para almoçar com a família. Relutou o quanto pôde.

— Vamos, homem — insistia o amigo. — Minha mulher que tanto te aprecia fez um caldo verde de lambar os beiços.

E lá foi o Frederico para o almoço. A família hospedeira, toda ela, do cabeça do casal ao filho caçula, o esperto Tónico, tinha conhecimento da previsão feita por Natacha. O recipiendário apavorava-se só de ouvir falar em água. Servido o celebrado caldo verde, em vistosos pratos fundos, quando Frederico aprestava-se para meter a primeira colherada na boca, teve uma pontada no coração e desabou sobre o prato, fazendo esgui-

char caldo por todos os lados. O amigo, pressuroso, procurou acudi-lo. Tarde demais. Estava morto. E o Tónico, lembrando-se da previsão de Natacha, que andava de boca em boca, gritou:

— Coitado do seu Frederico! Morreu afogado num prato de sopa.

NO REINO DA MENTIRA

O povo se curva ante a mão que asfixia, na mais nefanda e execrável idolatria, em face ao despotismo que tudo leva de intermeio, onde o fim justifica o meio. Qual a diferença entre o presente e o passado, sem se falar em culpa ou pecado? Sem lembrança de um ideal ou revolução, onde a fogueira arde no corpo e na mente nesta inquisição? Os interesses maiores desta história fazem do abominável a sua glória. O tempo apaga o que escreveu a orgulhosa nação na véspera de São Bartolomeu. O "infalível" não tem idade, nasceu com o Diabo, enganando a humanidade. "O monstro das trezentas concubinas" ficou em eras distantes, apagando seus feitos na mente do estudante. Não crer que o Diabo existe é meta do ardiloso enganador que tem mil disfarces, com peias e sem pudor. Me engana que eu gosto, diz a plebe delirante — se tem pão e circo, vamos adiante!... Todos se esforçam na construção da nova Torre de Babel, enquanto o Diabo ri e torce o rabo, engalanando o seu quartel — que morra Jesus Cristo e viva Papai Noel! Ou crê ou morre, é a sentença da nova inquisição que mutila e zomba da razão. Há modulação mental na tenra mente da criança, desfazendo o que no mundo ainda resta de esperança. Homens cultos alienados carregam Jesus morto num caixão — ídolos feitos pelas suas próprias mãos. As artimanhas de Satanás mostram o inferno como sendo um paraíso, em obras de arte espalhadas por toda parte — na escultura, na música ou poesia, tudo deturpa o reino da anarquia. A

dialética da incredulidade impera no mundo sofista, falando da “nova era” que já se avista — não adianta lutar contra o determinismo na balofa ortodoxia à beira do abismo. O teólogo mostra o seu zelo, coando um mosquito e engolindo um camelo. A Justiça estremece temerária, ante a astúcia tão cruel e tão mordaz. O mundo fala de paz enquanto rebenta a espoleta, com a nívea pomba espetada na ponta da baioneta. Todos querem transformar o mundo, cada um ao seu jeito, mas o homem nada transforma com o vírus do pecado alojado em seu peito. A vida é uma farsa, diz o palhaço que ganha mal — que o circo pegue fogo no palco do carnaval! Não fale em miséria, fome ou desdita, pois só na fantasia o povo acredita. Fale baixo para quem gosta de ser capacho — quem fala alto e protesta não pode entrar na festa. Quem fala a verdade gosta de ser ouvido, mas pode morrer de fome, ficar pobre e falido — não se esforça, fala sempre o que o povo gosta. Tudo é velho no reino da mentira — de sofisma em sofisma, com visão em falsos prismas.

*Folha Metropolitana, 15/3/98*

## ACASO FORTUITO OU SORTE

Ninguém entra no mundo sorrindo,  
é sina da pobre humanidade.  
Em protesto entramos chorando  
— nos esperam dor e falsidade.

São vítimas ricos e pobres  
deste acaso fortuito ou sorte,  
que nos causa tanta ilusão,  
do berço frágil até a morte.

Os flagrantes que a vida espelha,  
cintilando raios de esperança,  
são quimeras — brinquedos de criança.

A vida se esvai como vapor  
— temerário trajeto de um grito  
que se ouve e perde no infinito.

## NASCIDAS PARA PERDER

Ignorando o sórdido, o vil,  
dividiam o seu mundo infantil,  
envolto em trapos, fome e miséria —  
estigmas que rondam o Brasil.

— Eram três saudáveis meninas,  
oh Deus! Bem perto de mim!  
Mas não pude ouvir seus gritos  
indo da terra ao infinito.

Foram as três crianças mortas  
e jogadas no matagal,  
violentadas e mutiladas  
— é notícia no jornal.

São estes informes diários  
da violência contumaz;  
para quem tudo sabe,  
mas de amar não é capaz.

O diabo tem sua imprensa  
rodando pornografias,  
comandando do seu trono  
o reino da anarquia.

Os casais que se separam,  
a violência sexual,  
o baixo nível de vida,  
a falência da moral.

— Os grandes bens econômicos  
têm suas leis mais severas;  
ficam à margem as crianças,  
na sanha das bestas feras.

Com olhar perdido no horizonte,  
pezinhos descalços na lama,  
não têm comida — não têm mesa,  
sentem sono — não têm cama.

“Nascidas para perder.”  
Em vida, o estertor da morte.  
Há crianças jogadas no lixo  
pelas mãos da negra sorte.

Todas as crianças nascem nuas  
— negras, árabes ou judias;  
nascem assim para serem livres  
da mão que mata e asfixia.

— Quantos gritos de socorro abafados  
nas gargantas das crianças indefesas;  
nas ruas ou no ventre trituradas,  
na sátira deste inferno de torpeza.

Oh Deus! Quanta miséria!  
Tuas obras perdem o brilho  
neste túnel tão escuro,  
sem esperança e sem futuro.

## A POESIA

Poesia é suspiro da alma,  
de tristeza ou prazer;  
poesia é também saudade  
ou medo de se perder.

Poesia é vida que se expressa  
na alma do mundo inteiro;  
são vozes de esperança  
ou gritos de desespero.

Em versos se descreve  
tudo que é belo e puro;  
os versos também apontam  
o lixo atrás do muro.

Poesia é liberdade estética  
que vai contrariando os meios;  
supera códigos de ética,  
expondo o belo e o feio.

## PREDESTINAÇÃO

Este Deus criador onisciente —  
tão retilíneo, onipotente —  
ordenou que todos os homens  
fossem um dia inocentes.

Antes de serem maus,  
odiando — fazendo guerra,  
haveriam de ser iguais  
em toda a face da terra.

Chorando o mesmo choro,  
sentindo o que todos sentem,  
as crianças são iguais  
em todos os continentes.

Nascem todas livres,  
sem ódios ou preconceito;  
não têm códigos de ética,  
cada uma tem o seu jeito.

Até mesmo um marginal  
há de ter na lembrança  
que algum dia já foi gente,  
foi amado — foi criança.

## INVEJA — DOENÇA DA ALMA

Inveja — doença da alma  
que se infiltra num segundo  
no coração do homem  
que ama as coisas do mundo.

Infeliz quem agasalha  
semente da erva daninha,  
que sugando toda força  
enfraquece e amesquinha.

Sua trama contra a verdade  
congrega o mundo ateu,  
emperra a prosperidade  
entre os filhos de Deus.

A inveja é doença sem cura  
que corrói com fúria voraz;  
o invejoso é filho da usura  
e neto de Satanás.

★

*“E os patriarcas, comovidos de inveja, venderam a José para o Egito; mas Deus era com ele” (At 7:9). “Mas os Judeus desobedientes, movidos de inveja, tomaram consigo alguns homens perversos, dentre os vadios e, ajuntando o povo, alvo-roçaram a cidade, e assaltando a casa de Jason, procuravam tirá-los para junto do povo” (At 17:5).*

*“Porque sabia que por inveja o haviam entregado” (Mt 27:18).*

## HONRA TEUS PAIS

Honra teus pais enquanto vivos,  
honra-lhes o nome por onde fores;  
se lhes negas filial afeto,  
não vás ao túmulo levando flores.

Tu és semente que germinou  
no ventre, sugando-lhe energias;  
foste crescendo macerando os seios  
que te saciavam ao passar dos dias.

Tu és deles a continuação da vida,  
suas lembranças da áurea mocidade,  
alegrando-lhes o esvaecer da vida,  
suavizando-lhes o peso da idade.

Mostra-lhes, pois, o mais sincero amor,  
sem fingimento vil da hipocrisia.  
Nada vale o calor de muitas lágrimas  
sobre a lousa da mortalha fria.

## JÓ, O HOMEM CRENTE

Viajante da órbita terrestre,  
Satanás — o astronauta marginal —  
se apresenta entre os filhos de Deus,  
destilando seu veneno mortal.

Viste meu servo Jó? — pergunta Deus.  
Homem humilde e paciente,  
crente leal e poderoso —  
o mais rico do Oriente?

Com sórdida astúcia e maldade,  
responde o “pai da mentira”:  
— Não há paciência e lealdade  
quando falta o dinheiro,  
quando a doença bate à porta,  
quando está vazio o celeiro.

Vou provar da fé a utopia,  
ante as cinzas do altar;  
vou olhá-lo frente a frente  
e fazê-lo blasfemar!

Do inferno as portas se abrem  
com espíritos imundos em legiões  
para travar a luta ingente.  
Falanges do mal se alinham,  
contra Jó — o homem crente.

Vendo os filhos dizimados,  
ante os bens saqueados,  
raspa a cabeça, rasga o manto  
— adora a Deus o homem santo.

Satanás não suporta o encomiástico gesto  
de quem, na dor mais profunda,  
não se desespera, não maldiz a sorte,  
disposto a ser fiel até a morte.

Vociferando coisas do inferno,  
com um plano mais nefando,  
Satanás, com ódio e sarcasmo,  
bate em retirada com seu bando.

O anjo marginal, numa última cartada,  
numa tentativa desesperada,  
ordena a mobilização total —  
a guerra fria — sutilezas das palavras —  
os inocentes úteis, os mercenários  
e todo o corpo diplomático infernal.

Línguas virulentas — fratricidas,  
chacais asquerosos pestilentos,  
fagulhas incandescentes incendiárias,  
abutres cruéis — corvos nojentos.

O murmúrio sórdido, ferino,  
o deboche, a maledicência,  
o cochicho, a hipocrisia,  
contestando sua inocência.

Jó, caráter infrangível,  
estirpe de nobreza,  
ante o terrorismo — a sabotagem —  
não se curva, não se dobra,  
vendo no céu sua defesa (Jó 16:19).

“Eu sei que o meu redentor vive” (Jó 19:25).  
Levantarei das cinzas — a luz raio!  
Desde agora e para sempre,  
bendito seja o nome do Senhor!

Satanás lança cinzas e bactérias  
do seu tenebroso arsenal  
e desenha no corpo de Jó  
o mapa da chaga mortal...

— Vou deixá-lo desprezado e só  
com a chaga pestilenta,  
e com a ferida nojenta  
o curvarei até o pó!

A corte demoníaca se engalana,  
aguardando o soberano campeão,  
que promete trazer em sua mão  
cabeça santa do varão de Deus,  
para alegria do inferno e júbilo dos ateus.

Uma voz ressoa — da fé a gama;  
os alicerces do inferno se abalam,  
um clarão ilumina, o éter inflama,  
o inferno ouve em confusão e horror:  
— O Senhor deu, o Senhor levou.  
Bendito seja o nome do Senhor!

A luta foi renhida,  
mas a batalha vencida.  
Embraçando o escudo da fé,  
na borrasca do mar bravio,  
quando fumega o pavio,  
o crente fica de pé.

## HÁ POESIA EM MEU CELEIRO

Estou sentindo a poesia extravasar  
nos gorjeios e nos ninhos que balançam,  
nas formas e nas cores mais candentes  
ou no sorriso inocente da criança.

É vida que se renova a cada instante  
nas bordas do caminho em meu celeiro,  
nas nuvens carregadas pelo vento  
que enriquecem e perfumam meu canteiro,

na mutação das paisagens dessas matas,  
beijadas pelo sol e pela lua.  
Nesse quadro primoroso e exuberante,  
a natureza se apresenta nua.

Enquanto o sol vai arrastando o manto  
para esconder e dormir atrás da serra,  
a poesia vai se espalhado pelos ares  
nos vapores que exalam desta terra.

Essa obra-prima, que em verso ou prosa  
homem algum jamais escreveu,  
revigora cada dia minha fé,  
envergonha e confunde os ateus.

## SABEDORIA

Sabedoria é fé e razão bem definida.  
Ser sábio é encontrar em Deus a própria vida,  
ser sábio é romper com tudo que é mesquinho,  
ser sábio é semear amor pelo caminho.

Aos tacanhos, oblíquos e bitolados  
lavar os pés — ser sábio é amar até a morte;  
ser sábio é não carregar no rosto a arrogância,  
é não ver em ser servido à própria sorte.

Sabedoria é obra de arte nestes caminhos  
que se nos deparam em nosso dia-a-dia;  
sabedoria é sublimar tudo que é humano,  
é viver em paz e perfeita harmonia.

É sábio olhar destes vales as montanhas,  
é sábio descortinar grandes horizontes.  
A sabedoria é ter os pés aqui na terra,  
sabedoria é ter visão dos mais altos montes.

Sabedoria é como a música que inebria,  
sabedoria é como o brilho mais incessante,  
a sabedoria é como doce favo de mel,  
a sabedoria é mais pura do que o diamante.

## LAERTE ROMUALDO DE SOUZA

### Introdução

O cansaço físico não me impede de continuar nesta empresa, mesmo porque, até agora, não surpreendi nenhum sinal de cansaço físico. O desencanto do traído jamais se fará presente, porque o tema e o manejo das idéias, em Dante, na brilhante obra objeto deste trabalho, não deixam margem para a menor reserva. Provavelmente, alguns defeitos culturais que me impregnam a alma possam servir de estorvo, mas acredito que não serão suficientes para afastar o leitor animado de paciência e abnegação.

O final do capítulo X impele-me, na ânsia de conquistar a plenitude da *Comédia* nesta fala coloquial e despretensiosa. Já caminho pelo inferno resignadamente, mas sem medo. Meus olhos se comportam como os de Dante, divisando cimos, faróis e sofredores diversos. Fiz companhia ao viajante e ao poeta na barca que singrou o lago, à procura de aventuras e novas emoções. Vivi os momentos de alegria e ternura que envolveram os personagens principais. Toquei e fui tocado pelas sombras que se revelaram raivosas, avessas ao bem, de negros passados ou simplesmente confusas.

Debruçado sobre o papel que, gentilmente, recebe o registro de minha inquietude, busco, no espaço infinito da minha mente, encontrar razões para a existência ou para a inexistência do inferno, purgatório e céu. Em minha incipiente compreensão procuro identificar os motivos que levaram o Grande Construtor, a partir do

caos, fazer com que sua nobre criação caminhasse do bem para o arrependimento e deste para a redenção.

O mistério do estar aqui neste momento, e sendo este o único momento em que contemplo e sou contemplado, faz com que minha mão obedeça ao comando espiritual de aportar na grandeza divina.

Com Dante, no início do Capítulo VIII, vou “prossequindo em minhas observações”, acrescentando as experiências que seguem.

## A COMÉDIA EM PROSA

### Capítulo VIII

Prossequindo em minhas observações, devo acrescentar que, quando ainda nos encontrávamos longe da torre, no momento em que dirigimos o olhar para o cimo da mesma, vimos brilhar, vacilantes, dois sinais luminosos próximos; ao longe, outro sinal agitado, que mal se podia distinguir, respondia a mensagem.

Procurei entender o que a mensagem que vinha do mar dizia. Por que duas luzes? Por que a terceira luz? Quem estaria acendendo essas luzes?

O Mestre me esclareceu: Através da onda impura que se vê, verás quem aguarda, transmitindo os sinais luminosos; isto, se o nevoeiro ligeiro do brejo não perturbar a tua visão.

Como uma flecha que corta o ar arremessada pela corda, divisamos um pequeno e frágil barco que parecia encaminhar-se até o local da sinalização. Vimos, apenas, um comandante a governar esse barco.

Quando o barco chegou ao seu destino, alguém, em voz retumbante, gritou-nos: Finalmente chegaste,

espírito detestável. Ao que o Mestre respondeu: Poupe seu fôlego, Flégias; aqui nos terá somente enquanto formos atravessando o brejo. Com pesar, reconhece que se enganou, tornando-se mais irado.

Virgílio entra na barca; na mesma entrei também, percebendo que somente com a minha entrada é que o barco pareceu receber alguma carga.

Após eu e o Mestre termos entrado no barco, este se pôs a singrar o lago, formando-se ondas mais ou menos expressivas. Enquanto navegávamos, ouvi a voz de uma sombra que vinha da água lamacenta que exclamava: Quem é que, ainda estando vivo, vem para a lagoa? Eu respondi que só iria atravessar o lago, pois ali não iria permanecer; ao mesmo tempo perguntei-lhe: E tu, quem és? A sombra respondeu: Bem vês que sou um que chora. Eu, completando: Cumpre tua pena, espírito maldito, mergulhado no lodo e vertendo lágrimas; sei quem és, se bem que estás bem desfigurado.

A sombra procurou segurar-se na barca, com as mãos trêmulas.

Incontinenti Virgílio repele a sombra, mandando que ela vá unir-se aos que são iguais a ela.

O Mestre me abraça e me beija alegremente e diz: Sejam abençoados os teus pais, que te formaram altivo e honesto. Essa alma que fala com tanta raiva — referindo-se à sombra — sempre foi avessa ao bem; as lembranças de sua vida são as mais negras possíveis. Muitos reis, considerados grandes na terra, virão, como porcos, meter-se neste brejo, demonstrando que a fama de cada um sempre foi poluída.

Mestre, sou imensamente grato por vê-lo descrever o lodaçal com tanta precisão, ensinando-me o seu significado, enquanto aqui permanecemos.

Virgílio, compenetrado, diz: Antes que avistes a outra margem, verás o sofrimento do espírito iracundo. Rogo a Deus para que permita ao pecador e ao obstinado reconhecer a dor que causaram a tanta gente, para que a aflição de cada um se torne menor.

Todos gritavam a Filipe Argenti. A alma que em vida nascera e vivera em Florença, voltando contra si, mordida-se desvairadamente. Deixei-a de lado, não me preocupando mais com o que fazia.

De repente, ouvi um lamento longo e triste. Virgílio me disse: Meu caro filho, estamos próximos de Dite, cidade de Satã, onde se encontra a maioria dos que idolatravam o dinheiro.

Lá no fundo do vale destaca-se grande quantidade de adoratórios ardentes, que distingo na cor vermelha, acreditando que seja pela intensidade do fogo, respondi ao Mestre. Este me respondeu: O fogo eterno que atinge a tudo é que torna esses adoratórios vermelhos; é o mesmo fogo que tens visto neste baixo inferno.

Penetrando nos fossos profundos que circundam essa fortaleza, via-se que os muros ostentavam prisões de ferro. Dando volta a essa fortaleza, tocamos em uma parte que provocou a ira do barqueiro, que nos gritou: Saiam daqui, pois chegaram ao caminho proibido.

Via a porta do local onde se encontravam as almas que foram recusadas pelo céu. Uma delas perguntou ao Mestre, apontando para mim: Quem é essa pessoa que, ainda não estando morta, se atreve a penetrar neste reino?

Meu sábio Mestre fez-lhe um sinal para dar a explicação de forma reservada. As almas que ali se encontravam, mantendo aparente calma, disseram: Venha sozinho, dirigindo-se ao Mestre. Deixe que esse imprudente, dirigindo-se a mim, se vá, pois neste reino entrou

audaciosamente. Voltando-se ao Mestre: Esqueça, por um momento, a missão que tem de protegê-lo e guiá-lo; faça o possível; deixe o intruso conosco, ainda que em sua companhia, pois é seu guia nesta região danosa.

Imagina o leitor como fiquei aterrorizado escutando aquela terrível ameaça. Chorei convulsivamente ao pensar que deveria ficar naquela mansão horrível.

Roguei humildemente ao Mestre, que tanta proteção até ali me dedicara; ele que, por muitas vezes, acalmou meu peito aflito, quando me avizinhei de inúmeros perigos e da desgraça quase inevitável. Não me deixes, eu disse, neste local de sofrimento. Se é proibido ir adiante, deixemos, os dois, este lugar maldito. Não posso acreditar que em quem eu confiava, e que tão longe me conduziu, possa abandonar-me.

Não tenha receio, diz o Mestre. Não é proibido caminhar neste local, pois que Deus permite a nossa jornada.

Eu, que me encontrava apavorado e perdido, criei novo alento, e a esperança surgiu em meu coração quando o Mestre me afirmou que não iria abandonar-me no inferno.

Vendo o Mestre afastar-se e aproximar-se da porta, ainda fui varrido pelo vento da incerteza e da dúvida; fiquei solto entre os prós e os contras. Não pude ouvir a sua proposta. Nos poucos momentos em que permaneci naquele lugar, ainda exibia as marcas do meu desespero. De repente, os condenados fogem com rapidez. Repentinamente a porta se fecha e os condenados inimigos se recolhem, ficando de fora eu e o Mestre.

De olhos baixos, sem o ânimo que antes tinha, o Mestre afirmou: Quem será capaz de afastar a dor que neste lugar me devora?

E continuou, observando a alteração do meu semblante: Não te aflijas. Haveremos de vencer todos os obstáculos que formos encontrando pela estrada e que procuram impedir o nosso avanço. Os condenados que aqui se encontram são inimigos perigosos, mas os venceremos. Sem medo mostrei-te esta porta que não possui tranquetas de ferro; vimo-la juntos e a inscrição lúgubre que tu viste ficou para trás.

Descemos pelas pedras, passando através dos círculos ali existentes, distanciando-nos daquela cidade de seres sem piedade e sem religião.

## Capítulo IX

Senti profundo medo, empalidecendo e tendo os meus gestos confusos, ao ver Virgílio recuar das agressões que lhe eram dirigidas dentro daquela cidade violenta. Entretanto, fiquei sereno ao perceber que o poeta lograra esquivar-se da violência.

Coloquei-me à espreita; através da névoa cerrada e enegrecida, pouco conseguia distinguir, mesmo nas proximidades.

O importante era vencer aquela obstinação dos agressores. Ouvi o poeta afirmar que na angústia há sempre um remédio eficaz, que é o socorro do corpo ou da alma; entretanto, se tardia, a promessa é vã.

O sentido dessas palavras começou a estruturar o que pretendiam, na medida que iam sendo declaradas paulatinamente.

Eu estava dominado por um medo maior. A indecisão revelava notícia triste que a expressão corporal não externava.

Quem é conduzido para esse local de horrores, além do limbo, só pode ter tido uma vida enormemente desregrada. Perguntei ao Mestre: Podem essas criaturas alimentar alguma esperança de salvação?

O Mestre respondeu: Dificilmente surge oportunidade para que alguém, com mais força moral, se proponha a descer ao abismo e indicar o caminho da salvação.

Virgílio lembra que ali já esteve, antes, como condenado: Quando delatado por uma inimiga fui amaldiçoado por Ericto. Nessa escalada de sofrimento senti as mãos das almas penadas a dilacerar-me o corpo.

Continuando, o poeta, que agora descansa no limbo, foi descrevendo essa horrível experiência: Eu falecera havia poucos dias e fui conduzido ao círculo de Judas na esperança de salvar uma das almas penadas. O círculo é o lugar mais profundo e escuro, mais distante do céu e de tudo o que gira no universo, mas eu conhecia o caminho e excitava o condenado a ir em frente.

No brejo que exala mau cheiro e que envolve a cidade em tormento, não podemos entrar sem que o nosso coração se encha de ódio; é do ódio que se alimenta o local de sofrimento.

Esqueço-me das demais palavras do poeta: o meu pensamento passeia de uma torre alta ao promontório que expele fogo. Eu estava atento, com os olhos presos em tudo ao redor.

O aspecto de três deusas — Fúrias — erguia-se horripilante; de caráter feminino no movimento e no semblante, estavam tingidas de sangue. Hidras verdes e ferozes envolviam-nas. Cerastas estava com o cabelo formado por outras serpentes, que se entrelaçavam ao redor de sua cabeça.

Virgílio, que conhece as novas servas da rainha do eterno pranto, prestando atenção nas Erinis, diz-me solicitamente: A pior das deusas, Megera, está à esquerda das outras duas; Alecto chora à direita e Tisífone permanece no meio.

As Fúrias rasgavam seus seios com as unhas e batiam, aos gritos. Com pavor acerquei-me de Virgílio.

Olhando-me, dizia, dirigindo-se às Fúrias: Sejam transformadas em pedra por Medusa; o ataque do impiedoso Teseu não foi totalmente resgatado.

Voltando-se para mim, Virgílio ordenou que eu mantivesse a cabeça erguida e o rosto pouco iluminado, advertindo-me que se eu encarasse a Górgona não mais retornaria à terra. O Mestre fez com que me voltasse para o lado oposto e, juntando suas mãos às minhas, protegeu-me os olhos.

Vocês que não se afastam das leis da razão, fiquem atentos para as regras que estão envolvidas nestes versos.

Nas águas da incerteza navegam os que temem o fracasso. As próprias margens sentem os efeitos do medo que envolve os tímidos.

O vento forte estremece tudo e as amargas experiências ficam excitadas, não se dando trégua nessa fúria que as invade.

Quebra ramos, arranca flores e eleva, até as nuvens, o pó que sufoca feras, pastores e todo o rebanho.

Virgílio afastou minhas mãos dos olhos e disse: Ponha a vista no ponto mais alto, onde o sabor amargo se envolve desesperadamente. Faça como a rã que, vendo a cobra inimiga, desaparece na água, escondendo-se no lodo, onde se abriga. Muitos espíritos se parecem com as rãs, fugindo, derrotados, da figura que os persegue. Sequer umedecem os pés na água da esperança.

Virgílio move a mão esquerda, dissipando a névoa escura que se forma ao nosso redor. Esclarece que só esse trabalho é capaz de manter a serenidade e pureza.

Sentia que o céu me mandava conhecer mais e mais o poeta. Voltei-me para Virgílio e curvei-me humildemente ao aceno que me dirigiu.

Quantas luzes reflete o ódio! Chega-se à porta: ao toque de uma vara abre-se a entrada da feira pestilenta.

Ó almas perdidas, expulsas do céu! No início falou-se de uma cidade cruel. Dela viria essa loucura invulgar que os anima?

Por que os sofredores se opõem à vontade do que os pode salvar? O Salvador sempre cumpre o Seu desejo, procurando diminuir a intensidade da dor que os martiriza.

Pensam que podem colocar obstáculos no destino que foi traçado? Cérbero, o guardião das almas penadas, está sempre presente em seus pensamentos. O corpo e a alma de cada um ainda vagueiam pelas trevas.

Vão seguindo pelo caminho imundo, em silêncio, com os mesmos passos de quem dedica cuidados diferentes à própria alma.

Procuramos conquistar a força dos que, hoje, nos indicam o caminho da salvação.

Agora, afastado todo e qualquer obstáculo, entramos naquele local silencioso. Livramos o nosso forte desejo, a nossa grande curiosidade, para que pudéssemos analisar todos os pontos.

Ingressando nesse local, pus-me a observar atentamente todos os detalhes, verificando que, por toda parte, a luta se apresentava intensa, mas não havia punições em quantidade.

Como em Arles, onde o romano se detém, ou próximo a Pola e Quernaro, cidades fronteiriças da Itália, há um número desigual de sepulcros; estes estão cobertos de vegetação antiga.

Entre esses sepulcros o fogo serpenteia, queimando-os cada vez mais ardente fogueira, que daria, até, para realizar trabalhos de arte com ferro.

Levantando-se a tampa de qualquer dos sepulcros, ouvem-se lamentos profundos, com fracos e permanentes gemidos.

Ó meu Mestre, eu disse, voltando-me para Virgílio, quais dessas almas que, em vida, poderiam denunciar a solidão constante?

O poeta respondeu: Em cada uma dessas covas se encontram os hereges, com seus seguidores dos mais variados cultos. O número deles é muito grande. Os iguais estão sepultados com os seus iguais. Uns túmulos estão envoltos em mais fogo que outros. Virgílio moveu a mão direta e com o semblante triste afirmou: Caminhamos entre o muro e os sofredores.

## Capítulo X

Virgílio entra e vai caminhando por uma trilha existente entre o muro e os sofredores. Sigo os seus passos com firmeza. Virtude suprema: ele me dirige com segurança naquele lugar de tristeza, ensinando-me e atendendo ao meu desejo.

Pode-se ver o que existe naquelas sepulturas descobertas, sem guardas e sem defesa? Elas se encontram vazias, respondeu-me Virgílio. Entretanto, todas serão cobertas quando Josafá trouxer de volta os corpos que nelas devam permanecer.

Epicuro, que ensinou que a alma desaparece com a morte do corpo, após a própria morte veio para este sítio, acompanhado de seus discípulos. As palavras desse filósofo, antes satisfativas, demonstram, neste lugar, que o seu ensino ocultava os reais votos da vida.

As palavras de Virgílio demonstravam satisfação pelo que me ensinavam. Eu sentia que do seu peito partiam votos, antes escondidos, para que eu compreendesse a grandeza do que nos rodeava.

Adiantando-me ao Mestre, disse-lhe que procurava não expô-lo a dificuldades; por esse motivo, procurava agir com cuidado, mesmo porque não havia necessidade de maiores explicações.

Quando o toscano ainda vivia, conseguiu penetrar profundamente os mistérios da própria vida, com simplicidade e modéstia. Essas qualidades permitem-lhe um descanso merecido.

Na Toscana o poeta falava com clareza e segurança; nesse particular escapa-me o defeito da distração.

Repentinamente, ouve-se um som saído de uma das sepulturas; fiquei tão perturbado que procurei a proteção do Mestre.

Este, carinhosamente, pergunta-me qual o motivo do mesmo, afirmando: Preste atenção. O que se ouve é Farinata, que está sendo retirado do sepulcro, vendo-se o seu peito já de fora.

Na semi-escuridão eu já havia descoberto os olhos do exumado; ativamente levantava a fronte e o peito, como que desprezando o destino que lhe fora reservado.

Virgílio, conduzindo-me entre as sepulturas com seu braço firme, levou-me até Farinata, dizendo-me: Seja claro em sua explicação e entendimento.

Farinata se encontrava junto ao sepulcro, para onde me dirigi. Com olhar severo e desdenhoso, pergun-

tou-me se aqueles eram os meus "maiores". Disse que fazia sentido.

Desejando obedecer ao Mestre, expus-lhe francamente o que entendia da visão, amuado esperançoso.

Farinata retornou: Tua gente me perseguiu, guerreando com meus antepassados e compatriotas. Por duas vezes consegui vencê-los. Mas todos os que expulsei, retornaram. Os teus antepassados não aprenderam a lição.

Ao lado de Farinata se encontrava um vulto e mal se podia perceber de quem se tratava. O vulto estava ajoelhado, olhando-me ansiosamente, procurando verificar se alguém me acompanhava. Perdendo a esperança de encontrar-se com pessoa mais forte do que eu, a exemplo do Mestre, o vulto se desfez em lágrimas, perguntando: Se o reino inimigo, melhor armado, nos derrotou, onde se encontra o meu filho? Ele não veio com você?

Respondi que por meus próprios recursos jamais chegaria ali. Está bem próximo de nós o meu guia e protetor. Seu filho Guido talvez o despreze. No vozerio que se formara consegui descobrir que o filho de quem o vulto falava era Guido, motivo por que pude responder.

De repente, o vulto ergueu-se e gritou-me: Afirma que ele já não vive? Que o seu corpo está sendo consumido pela terra?

Como eu demorei para responder a pergunta, Farinata caiu de costas novamente e não se mostrou surpreso.

Mas esse outro grande personagem, a que anteriormente me referira, não mudou o semblante; o colo e o busto representavam a grandeza. Se não tirei vantagem daquela arte, prosseguiu o vulto, produz em mim a certeza de um sofrimento maior no leito onde me quei-

mo. Mesmo que a face se acenda por cinquenta vezes, não mostrará a verdadeira natureza do inferno antes que se perceba a arte da qual eu falo.

Nessa mesma forma podes retornar à vida humana! Por que as leis de uns são mais perversas que as leis de outros povos? Ao que eu respondi: O estrago, a mortandade que tingiram de vermelho o Árbia fizeram com que a sensatez se movesse com austeridade.

O vulto inclina a cabeça e, suspirando, diz: Estive naquele local inúmeras vezes, ainda que não houvesse motivo para ir. Porém fiquei só: todos exigiam a queda de Florença; apesar de tudo, eu a defendia.

Que vossos filhos tenham descanso, mas vos suplico que o meu julgamento se liberte dos penosos embaraços de melhor entendimento.

Se compreendo a tua atitude, parece-me que não percebes o presente, o passado e o futuro que se descorrinam à sua frente.

Os que enxergam mal, tornou a falar, se quiserem poderão ver as coisas mais distantes, a última luz que Deus jorra sobre nós.

Quando estão perto, muito próximos, a luz se apaga e dá motivo a que a mente compreenda tudo o que nos rodeia.

A ciência humana depende do futuro; se a porta do futuro se fecha, a luz, antes conquistada, morre e não mais se acende.

É a minha alma carregada de remorso, replica o vulto, que diz à sombra que me ouvia que seu filho ainda pode morar entre os vivos.

Se com exatidão ainda não lhe disse qual é a minha súplica, é porque não consegui livrar-me da dúvida que me dominava até há bem pouco.

O Mestre respondeu: Inúmeros se encontram cativos comigo, entre eles o rei Frederico e o cardeal; de outros não falo.

Afastei-me dos olhos do Mestre. Fiquei cismando e voltei ao Sábio; este me alertou de mau acontecimento.

O Mestre caminha. Enquanto avança, me diz: Por que tanto medo? Eu lhe conto tudo, expondo o que pode inquietar e embaraçar.

Tudo o que ouve deve memorizar, ordenou o Mestre. Erguendo o dedo, afirma: Agora escuta com atenção. Ante o raiar suave daquele dia, em que tudo encanta os olhos, a vida vai revelando os seus mistérios.

O Mestre se move à esquerda com diligência; afastando-nos do muro, vamos caminhando por um atalho que desce ao vale dos horrores, de onde emanam vapores hediondos.

### Glossário

Alecto: Uma das Fúrias (deusas romanas).

Arles: Cidade da França, que possui grande quantidade de antigüidades romanas e arenas.

Cerastas: Víboras do Egito.

Cérbero: Feroz cão de três cabeças que guarda a porta do inferno.

Círculo de Judas: Local de expiação.

Epicuro: Tido como o filósofo da cupidez, por má interpretação. Filósofo grego, discípulo de Xenócrates, ensinava que o prazer é o sumo bem do ser humano; mas colocava o prazer na cultura do espírito e na prática da virtude. Considerava o prazer a mais alta conquista para os bens espirituais.

Ericto: Personagem latino.

Erinis: Deusas gregas da maldade, denominadas Fúrias pelos romanos.

Farinata: Soldado romano.

Felipe Argenti: Santo Filipe, um dos doze apóstolos.

Flégias: Guardião das pavunas.

Florença: Cidade da Itália.

Frederico II: Rei da Sicília, de 1296 a 1337.

Fúrias: Deusas romanas da maldade denominadas Erinis pelos gregos.

Guido: Filho de Farinata.

Josafá: piedoso ou juízo de Deus.

Medusa: Deusa grega que, com os olhos, transformava tudo em pedra.

Megera: Uma das Fúrias, a mais cruel.

Pola de Siero: Cidade da Espanha.

Quernaro: Cidade da Espanha.

Teseu: Divindade grega.

Tisífone: Uma das deusas Fúrias.

Toscana: Cidade da Itália, berço de Virgílio.

Toscano: Nome pelo qual é conhecido o poeta Virgílio.

A COSTURA

O moço era endiabrado. Com a bola nos pés, recebendo-a redonda ou quadrada, sabia o que fazer. Dribles curtos ou longos, toques de bola afinados, lançamentos, passes bem endereçados e um oportunismo ímpar na hora de arrematar para o gol adversário. Era, como costumava-se chamar na época, meia-esquerda, o que corresponde hoje ao meia-armador do time e pontade-lança, nas oportunidades em que, com certa facilidade, infiltrava-se na defesa oponente. Artilheiro da equipe, elogiado pelo bom futebol que exibia.

Às qualidades especificadas, juntava-se a verdadeira paixão pelo esporte. Deixava, muitas vezes, de ir namorar a fim de participar de uma partida e, nesse afã, não raramente jogava aos sábados à tarde, domingos pela manhã e à tarde. Os seus fins de semana eram bastante atribulados, porquanto, paralelamente ao futebol, participava de bailes de um dos clubes em que atuava, gostava da madrugada e era ligado num joguinho de sete-e-meio ou vinte-e-um, no baralho, ou *montinho* de ver carta maior. Era apreciador de um bom jogo de *snooker*, nas madrugadas de sábado. Amiúde chegava em casa, das farrinhas, domingo pela manhã, palmeava o par de chuteiras e se mandava para o campo.

O jovem, assim, ia levando a vida. Trabalhava no escritório de uma grande firma, cumpridor dos seus deveres, assíduo e com predicados suficientes para ser, como de fato era, muito querido. As contusões sofridas no futebol não o faziam perder dia de serviço.

Num domingo à tarde, após ter participado de partidas no dia anterior e no mesmo domingo pela manhã, rondava o “estádio” à procura de um “bico”. Queria jogar. A oportunidade surgiu. O convite veio e lá foi o rapaz para o vestiário a fim de se uniformizar.

O jogo corria nervoso, pois o seu time, apesar de jogar melhor, perdia por um a zero. Por mais que malhasse, por mais que atacasse, a bola não entrava... Sabe aqueles dias em que a pelota bate na trave, bate no goleiro, passa rente ao gol, choca-se com a perna adversária em cima da linha do gol... Estava assim. O gol não saía. O nosso focalizado desdobrava-se, buscando no coração o último alento quando, à sua frente e de frente para a meta inimiga, espirrou uma bola, quase que pedindo para ser endereçada à rede. “É agora”, pensou ele, e partiu com volúpia para ela. No momento exato em que armou o chute com a direita, CLaque! e um grito de dor. Foi ao chão como uma fruta madura que se desprende do talo. Não chegou na bola, não fez o gol e, para sua surpresa, não podia sequer levantar-se nem mexer a perna. Doía! Doía uma dor como nunca havia sentido. Lágrimas assomaram aos seus olhos. Chorou! Quis levantar-se, não conseguiu. Auxiliado por companheiros, foi carregado para os vestiários. E daí, amparado por um amigo, foi para casa, pulando feito saci, numa perna só. Naquele domingo não houve a tradicional birita após o jogo.

Duas semanas depois, com o joelho ainda inchado, compareceu ao clube e foi instado por um pseudomassagista a jogar, a correr, pois a contusão não se agravaria e ele devia “esquentar” aquilo. Trocou-se, teve o local massageado com um linimento que enrubesceu a área massageada, aquecendo-a, e foi para o campo com um dolorido suportável.

Só bastaram alguns momentos de refrega. Participando de um lance normal de jogo, ao apoiar-se sobre a perna esquerda, o joelho falhou. Foi como se lhe tivessem tirado a perna. “Bosteou”! Caiu feio. Despencou, gritando, outra vez, de dor. Carregado para o vestiário, gemendo e soluçando, maldisse a tudo e a todos, e a sua agonia devia-se ao trauma do ferimento e ao lamento de não poder mais participar da partida.

Pobre, jogando em clube humildes, numa época em que se o jogador machucava-se era problema dele, o jovem, por sua própria conta, procurou uma instituição de radiografias. Naquele tempo, ninguém além do Dr. João De Vicenzo entendia e cuidava de joelho, e ele, paupérrimo e até por ignorância dos seus direitos junto ao clube, nem pensou em consultá-lo. Radiografado, constatou-se a presença hídrica, ou seja, líquido no joelho, sem, no entanto, qualquer registro de problemas nos ligamentos. Mais tarde, ficou sabendo sobre o líquido comum em seqüência a torções e o tratamento adequado. Naquele período, década de 50, pouquíssimos mexiam com isso. Sem recursos, ficou na sua. Esperou a desinchação, fez alguns exercícios de recuperação e voltou a jogar. Uma, duas, três partidas, tudo bem... De repente, zás! Lá estava ele caído, com as mãos no joelho.

Num desses episódios, Waltinho, companheiro de equipe, disse-lhe:

— Olhe, minha mãe cura isso... Ela costura.

— Costura? — interpelou o jovem atleta. — Que negócio é esse? Ela vai me cortar e alinhar?

— Não! — redargüiu Waltinho. — Ela vai fazer um “trabalho” que inclui rezas, fé e a retirada do mal que o aflige. Garanto que você vai ficar bom.

Combinaram. Não tendo nada a perder, o moço foi, de bom grado, à casa do amigo. Uma casa humilde,

asseada e acolhedora. Confiante, ainda crédulo nas peripécias esotéricas, viu e ouviu a cena do concerto em que estava envolvido. Palavras prudentes miscigenadas a orações ortodoxas, tradicionais, misturadas a utópicas avaliações de resultados e credices impossíveis. Enquanto sinfonizavam orações e solicitações, a velha senhora ia, com uma agulha e linha, costurando e dobrando um esquelético paninho em forma de tira ao tempo em que o fazia repetir, com ela, frases de efeito e rezas. Ao findar-se o ritual, a boa senhora, que não aceitava qualquer tipo de pagamento, disse-lhe que aquele pano, agora enrolado, costurado, devia ser introduzido numa forquilha ou qualquer cavidade de árvore, de preferência em sua própria residência.

O rapaz, que já não acreditava em muita coisa, que nem religioso era em função de desilusões místicas anteriores, cumpriu à risca a determinação. Ao chegar em casa, já noite avançada, dirigiu-se às proximidades do poço (não havia água encanada ainda no bairro), onde uma frondosa goiabeira estendia seus tentaculosos galhos. Em uma cavidade entre dois deles introduziu o rolinho de pano, repetindo as orações indicadas para a ocasião. E foi dormir sossegado.

Naquele fim de semana não haveria jogo e o período de recuperação seria o ideal, uma vez que o inchado joelho levava quinze dias para voltar ao normal. Ao final da semana seguinte rumou para o campo, apresentando-se para jogar.

— Está tudo bem com você? — perguntou-lhe o técnico do clube. Ante a resposta positiva, jogou-lhe a camisa 10 (Pelé não existia ainda).

Confiante, foi para o quadrilátero e, radiante, fez o aquecimento preparatório com a convicção de que nada de mal poderia acontecer-lhe. Bateu bola, experi-

mentou chutar com as duas pernas e, no jogo, correu, lançou, driblou como se tudo estivesse às mil maravilhas, até que, sozinho, numa bola boba, ao tentar dominar e lançar para um companheiro adiantado... claque... lá se fora novamente o joelho... o seu joelho religiosamente costurado... Foi a resposta à sua imponderável e idiota credice.

Este fato, aliado a outros, empederniu-lhe os sentimentos, a aceitação mística, tornando-o cada vez menos crédulo. Findou-se uma possível carreira futebolística, deixou de emergir um craque. Em compensação aprimorou-se mais um cético.

## O PIO-PARDO

Em meados do século passado e no início deste, o Brasil escancarou as portas à imigração, mormente a européia, acolhendo os que do Velho Mundo fugiam da fermentação política, da inquietação e intranquilidade geradas pela possibilidade de haver mais guerra.

Na região Sudeste brasileira, a expansão da lavoura cafeeira, que, superando o Vale do Paraíba, ganhou projeção no interior de São Paulo, atraía mão-de-obra. Inúmeras famílias oriundas de vários países europeus, como Itália, Portugal, Áustria, Alemanha, entre outros, fugindo das perseguições ou temerosas de que viessem a sofrê-las, aportavam em estados brasileiros, notadamente do Sudeste e Sul. No caso de São Paulo, de Santos galgavam a Serra do Mar e fixavam-se no planalto ou dirigiam-se às lavouras interioranas. Na Capital, o seu avanço provocou o advento de vários bairros e o aumento populacional de alguns já existentes. O Brás, por exemplo, acolheu grande número de italianos e espanhóis, provocando a rivalidade sadia entre habitantes de ruas como a Carneiro Leão e a Caetano Pinto. Na Mooca, os italianos predominaram. Para além um pouco do bairro de Santana, desenvolveu-se o do Chora-Menino e, neste, uma rua denominada Nova dos Portugueses, tendo em vista a presença dominante de imigrantes da Santa Terrinha, ao lado de outros menos numerosos.

Um casal de italianos fixou-se numa boa gleba de terra nas proximidades do fim da rua, praticando pequena agricultura e principalmente a criação de gado leiteiro. Ali a família cresceu e dos cinco filhos, todos nascidos no Brasil, Justino era o caçula. Um rapaz de pequena estatura, sempre muito apressado, de passinhos rápidos e de olhar assustado.

Nessa região, entre os portugueses, alguns se sobressaíam pelo caráter alegre e brincalhão, aprontadores de peripécias e engodos mil, além de excelentes piadistas. Era o caso do Zé-Porqueiro e do Joaquim Catrapó, sempre a aprontar zoadas, brincadeiras e “pegas” nos seus vizinhos e amigos. O Zé-Porqueiro (obviamente criador de porcos) era um português tipo Sarravulho, personagem criado por outro Zé, o Fidélis, comediante que escrevia num tablóide da época chamado *O Governador*, especialista em gozações e tiradas políticas, sempre em mangas de camisa e calças arregaçadas e de tãncos, tipo de calçado hoje quase extinto. Era um sarro, divertido, alegre e em qualquer conversa falava nove palavrões em dez palavras proferidas, mas não era maldoso nem insinuante ao conversar com as senhoras. Ele não tergiversava, não era hipócrita. Profundo respeitador, à sua maneira, era admitido por todos da vizinhança, apesar da sua boca suja. Já o Catrapó destacava-se por ser o brincalhão-risonho, tão aprontador de falcatruas como seu companheiro, mas não era desbocado.

Toda vez que um ou outro cruzava com o Tino, a inquirição era a mesma:

— E aí, Tino, vamos caçar o pio-pardo?

Pio-pardo daqui, pio-pardo dali e a resposta do sempre apressado Justino repetia-se:

— Hoje não dá. Deixa para outra vez.

Mas a curiosidade já minava sua mente, porquanto ele nem sabia que raio de coisa era o tal pio-pardo. Novo encontro e a pergunta vinha:

— Vamos caçar o pio-pardo?

A negativa do Justino não inibia a reprodução da inquirição. Passado algum tempo, num dia, Justino, atormentado pela insistência e curioso pelo desconhecido, respondeu:

— Está bem, vamos!

— Hoje, não! — respondeu o Joaquim. — Para conseguirmos êxito são necessários três e o Zé-Porteiro não está. Vamos fazer o seguinte: amanhã, lá pelas seis horas, esteja aqui em frente ao armazém. Eu aviso o Zé e iremos os três. São necessários três, sendo dois para empurrar o bicho e um para segurá-lo. O Zé e eu encurralamos o danado, vamos levando até a saída do curral e aí você, que estará à espera, é só pegar. Cuidado, ele é arisco, fugidio, razão por que é preciso agarrá-lo com firmeza. Nós daremos o sinal no momento exato. Não tenha medo.

Justino exultava. Seus olhos cintilavam pela oportunidade de participar de uma aventura misteriosa. No dia seguinte, passou horas de inquietação... Afinal chegara o grande momento. Iam caçar o pio-pardo, provavelmente uma ave, uma espécie de galinha diferente. Ele não sabia, mas temia perguntar para não passar por ignorante, o que provocaria risos e zombaria dos companheiros.

Ao escurecer, com o sol descambando no ocidente, uma faixa de céu tingia-se de rubro pela luz indireta do astro rei. O rapaz chegou-se ao local combinado, cheio daquela animação que faz pulsar mais forte o neófito participante de uma pescaria ou uma caçada. O Zé-Porteiro e o Catrapó lá já estavam à sua espera e à sua chegada foram logo dizendo que era imperativo que esperassem um pouco mais, pois, sob o manto da noite, não havia como falhar.

Lá pelas sete e meia, tudo estava pronto. Os dois portugueses, portando um rodo cada um, e o Tino, uma gaiola de arame, rumaram para o curral. A noite sem luar (era fase de lua nova), escura, propiciava o emprehendimento. Os três se aproximaram de mansinho da

velha construção, procurando, ao passar pelo capim e mato ao redor, não fazer barulho. Catrapó e Porteiro faziam sinais de “silêncio”, com o dedo indicador sobre os lábios. Chegaram! Tino quase podia ouvir seu coração pulando.

— Agora, eu e o Joaquim iremos pela frente. O bicho está lá dentro. Vamos tocá-lo devagar para a saída, ali — disse, apontando para um buraco escuro, na madeira. — Você, Tino, segure a gaiola com a portinhola aberta, na direção do buraco, com pulso firme. Assim que o pio-pardo entrar, feche-a rápido. Certo?

— Tudo bem! — respondeu o jovem. — Deixa comigo. Por aqui não há de passar.

Silenciosamente, os lusitanos, empunhando os rodos, entraram pela abertura principal, ocultos pela escuridão da noite. Tino, apreensivo, firmou os pés no terreno molhado, pronto para o que viesse. Ouviu um leve rumor como se algo estivesse sendo empurrado, arrastado.

— Lá vai, Tinooo. Segure! — gritou-lhe uma voz. — Agoora! — Esbrouf-chuooou! — Pegou?

Tino, apesar de estar atento, foi apanhado de surpresa e arremessado para trás, misturado ao volume de excremento bovino e restos de capim que lhe encheu a cara e o peito, de nada lhe valendo a fraca proteção proporcionada pela pequena clausura de arame que segurava.

— Filhos da puuuta! — conseguiu gritar, enquanto, caindo, tentava inutilmente livrar-se daquela merda toda.

Essa foi a razão das explosões iradas do rapaz, toda vez que alguém lhe perguntava:

— E aí, Tino, vamos caçar o pio-pardo?

## O HUMORISTA

Com o advento da televisão no Brasil, no anos 50, o rádio sofreu transformações várias, culminando com o desaparecimento de programas memoráveis. Alguns sobreviveram no próprio rádio, outros conseguiram uma brecha na TV e outros, ainda, desapareceram. Óbvio, conseqüentemente, que programas que dependiam de certos radialistas especiais, quer pelo surgimento e avanço da telinha, quer pelo envelhecimento e falecimento de seus apresentadores, ou descambaram para o esquecimento, ou simplesmente saíram do ar.

Quem, adentrado na idade dos "enta", não lembra, por exemplo, aquele maravilhoso, gostoso programa da Rádio Tupi de São Paulo ou Difusora, "Domingo ou Tardes da Roça", cujo comando era do saudoso Lulu Belencazi, no qual despontava o humor do Simplício da Simplicidade Simples e o emocionante Juca, o Poeta do Sertão, interpretado, ao som da preciosidade musical chamada "Abismo de Rosas", pelo mesmo Lulu.

Cinemas de bairros cerravam as portas e a Avenida Paulista tornou-se o alvo para os novos empreendimentos televisivos, por ser um dos locais mais altos da urbe, importante fator para a instalação de antenas retransmissoras. Torres foram construídas, pois, se nos auditórios e estúdios, embaixo, produziam-se os programas, era do alto que a imagem espraiava-se até encontrar os sistemas domésticos de recepção.

Pois bem, numa dessas torres trabalhavam o Nilson, nos transmissores, o Sr. Pereira, seu chefe imediato, e o Alberto, operador de áudio e vídeo, revezando-se entre si nos cuidados com os aparelhos que, à época, de incipiente início, esquentavam barbaridade, exigindo muita atenção dos mantenedores. Em vista de uma pa-

rafernália de fiação elétrica, aquecimento e faiscamento, inúmeros incêndios assolaram os edifícios que abrigavam emissoras. Nesta em que o Nilson trabalhava, já havia ocorrido mais de três, sendo dois deles de proporções graves.

Nosso personagem esteve presente em alguns, ajudou a apagar outros e, certa vez, ficou preso na torre, não podendo descer nem subir, e só não morreu queimado porque o fogo não chegou lá, limitando-se a andares inferiores. Noutra oportunidade, ele e um porteiro debelaram um início de incêndio no porão, que foi pressentido pela fumaça que subia e saía pelas bocas das lixeiras. O lixo acumulado no dito porão era alvo de pontas de cigarros que alguns distraídos lançavam pelas lixeiras dos andares superiores, guimbas essas muitas vezes acesas. Em suma, o ambiente de trabalho do Nilson era abafado e perigoso, razão por que ali três extintores de espuma tinham sido instalados, uma vez que não se usa água em sinistros provocados por energia elétrica e seus condutores.

No auditório desenrolavam-se programas típicos: musicais, calouros, humorísticos, teatro. Havia comediantes isolados e grupais, cujas peripécias inebriavam os espectadores que lotavam os auditórios e os telespectadores em seus lares.

É um desses grupos que nos move à reprodução de lamentável fato, envolvendo o seu principal ator. Este, talentoso, engraçado, dono de um sotaque regional de outras paragens, hilário, praticamente dominava o grupo, e era useiro e vezeiro, na culminância dos seus quadros, usar água, muita farinha de trigo, tortas voantes, quedas de escadas e outras brincadeiras, provocando verdadeira meleca no palco, para delírio dos espectadores.

Dia de semana, período da tarde, gravava-se, no auditório, o programa cômico com a participação do humorista e seus coadjuvantes, por sinal também engraçados. Nilson, em seu posto, nos transmissores. O Sr. Pereira, seu chefe, ausente. Alberto operava o vídeo. Tudo corria bem, até que batidas na porta desse centro de controle vieram quebrar o silêncio, ou melhor, o zumbido da aparelhagem. Aberta a porta, Nilson deparou-se com um funcionário da casa que, agitado, disse:

— Por ordem do Roberto, o humorista, vim buscar os extintores de incêndio, porque ele vai usá-los num quadro que culmina com o uso de muita espuma. — Aquele final em que o pastelão seria substituído pela espuma que uns jogariam nos outros.

— Negativo — respondeu Nilson —, nós não podemos prescindir dos extintores na seção. E se isto aqui pegar fogo, o que é que eu faço?

— É — disse o servidor —, mas são ordens do seu Roberto, que necessita deles para concluir o esquete.

Nilson, que não acreditava no que estava ouvindo, replicou:

— Não posso cedê-los, a menos que você traga uma ordem do meu chefe. Traga uma autorização do Pereira, que eu os entrego.

— Está bem, vou procurá-lo. — Virou-se e saiu enfezado.

Decorrido algum tempo, as batidas na porta repetiram-se. Era o mesmo gajo de minutos atrás.

— O seu Pereira não foi encontrado e o seu Roberto disse que é para mandar de qualquer jeito.

— Sem ordem, daqui não sai extintor algum — repetiu Nilson.

No dia seguinte, atendendo ordens da direção, Nilson foi transferido para outra seção, o estúdio, e in-

timado a gozar as férias atrasadas a que fazia jus. Fimadas estas, ganhou o “bilhete azul”. Foi despedido do emprego.

O Pereira, seu chefe, interveio, tentando mediar a situação, sem êxito. Irritado, esse que era, à época, um dos mais profundos conhecedores técnicos de televisão, disse que, se o Nilson fosse dispensado, ele também ia embora. A direção foi irredutível. Foram os dois para a rua.

O humorista talvez nem tenha se dado conta do mal que causara. Ele e seus companheiros, não demorou muito, acertaram contrato com outra emissora.

Nilson, pela sua corajosa e justa ação, recebeu como prêmio, em vez da medalha, a dispensa, tendo mulher e filhos para sustentar.

É a parte patética da vida. Aquele que sempre fizera rir, fez chorar.



Caixa Postal 11481 - São Paulo - SP  
CEP 05422-970 - Fax: (011) 815 6996  
Tels.: (011) 210 1179/210 6501  
[Http://www.scortecci.com.br](http://www.scortecci.com.br)  
E-mail: [scort@scortecci.com.br](mailto:scort@scortecci.com.br)

atinge-se o nivelamento possível, harmonizam-se os espíritos e os ideais e floresce mais um volume de *Fragmentos Literários*, registro incontestado dos sentimentos e pensamentos de uma época.

Sem, talvez, a pretensão luzente de abrir avenidas sobre as encarquilhadas veredas e atalhos da vida literária, sirvam estes Fragmentos de archote para o leitor, ao saborear-lhe o conteúdo, degustar nossos escritos-testemunhos, pelo prazer da leitura.

*Fragmentos Literários* é isto: um grupo de imagens para tentar construir um espectro de distribuição de energia.

**Milton Luiz Ziller**  
Acadêmico